
A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves)

MÁRIO VARELA GOMES¹

R E S U M O Embora escavado em 1958, tanto as estruturas como os materiais deste arqueossítio

conservavam-se inéditos.

O cemitério agora dado a conhecer era primitivamente constituído por, pelo menos, oito sepulturas, escavadas em afloramento rochoso calcário.

Ali foram exumados, garrafa com duas asas, parte de dois *oenochoe*, copo, fragmentos de outros recipientes de cerâmica, assim como dente fóssil de tubarão e restos osteológicos humanos.

Foram estudados a arquitectura da necrópole e o espólio exumado, assim como diversos aspectos rituais. Concluimos tratar-se de testemunhos do século VII, possivelmente decorrentes da colonização de áreas, do Barlavento Algarvio, com boas aptidões agrícolas.

A B S T R A C T Although excavated in 1958, the structures as well as the archaeological material from this site remain unpublished. The cemetery was originally composed of at least 8

burials excavated in the limestone bedrock. At the site there were excavated a pottery vessel with two handles, fragments from two *oenochoe*, a cup, fragments of other ceramic vessels, as well as a fossil tooth of a shark and human osteological remains.

The architecture and excavated remains as well as various ritual aspects of the site were studied. We conclude that the site dates to the 7th century, and was possibly associated with the colonization of areas on the western Algarve with good agricultural capacity.

1. Localização

O sítio de Poço dos Mouros integra vasta zona da freguesia de Alcantarilha, denominada Terras Velhas, talvez em virtude dos numerosos vestígios de ocupações antigas que tem evidenciado. Pertence ao concelho de Silves, distando cerca de 8 km para sudeste daquela cidade, e ao distrito de Faro (Fig. 1).

A jazida objecto do presente estudo, constituída por conjunto de sepulturas escavadas na rocha, ocupa afloramento calcário situado a meia encosta da vertente voltada a nordeste, de pequeno planalto alongado e com 69 m de cota máxima, disposto no sentido noroeste-sudeste, entre duas linhas de água afluentes da margem direita da ribeira de Alcantarilha.

O arqueossítio referido encontra-se a cerca de 250 m a poente da E. N. 529, a pouco mais de 1 km sul-sudoeste das casas da quinta da Lameira e à mesma distância, a sudeste, da povoação de Fontes da Matosa.

A casa e o poço que deu origem ao topónimo referido localizam-se quase junto ao lado poente da EN 529 e a 250 m, a norte, da necrópole agora estudada.

As suas coordenadas geodésicas, aproximadas, são 8° 21' 55" de longitude oeste de Greenwich e 37° 8' 36" de latitude norte ou, no sistema Gauss, W 792 196 (seg. a *C.M.P.*, n.º 604, Lagoa, esc. 1/25 000, S.C.E.P., 1979).

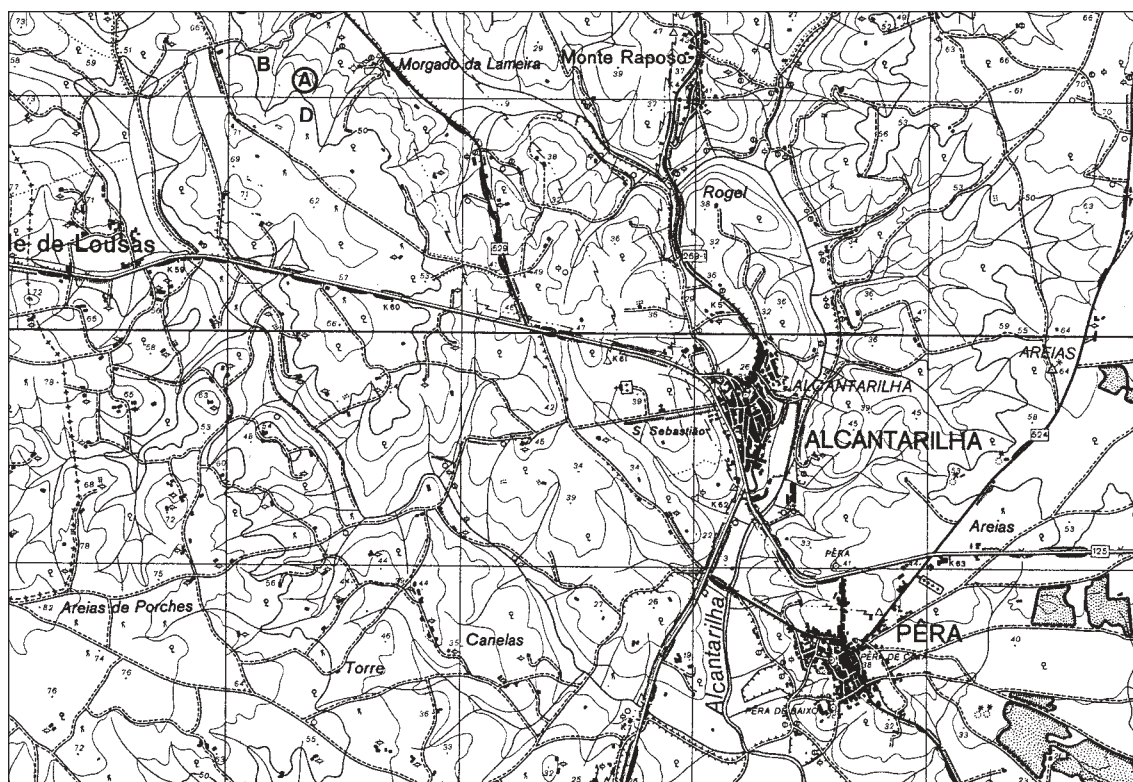


Fig. 1 Localização da necrópole do Poço dos Mouros (Alcantarilha, Silves) (A) (seg. a *C.M.P.*, n.º 604, Lagoa, esc. 1/25 000, S.C.E.P., 1979), de zona com vestígios romanos (B) e de alcarias (C e D).

2. Problemática

O pequeno “Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira”, fundado em 1958 pelo P.º José Manuel Semedo Azevedo, na igreja de S. Sebastião daquela cidade, exibia duas sepulturas escavadas na rocha e algum espólio, procedentes do sítio do Poço dos Mouros.

Vicissitudes várias, ocorridas após a morte daquele pároco, levaram a que, infelizmente, grande parte da colecção arqueológica por ele reunida se dispersasse e, em parte, se perdesse. Todavia, quando nos foi solicitada, pela Autarquia de Albufeira, a montagem do actual “Museu Municipal de Arqueologia”, desde logo lembrámos que tal só seria possível se dispuséssemos do acervo, ainda existente, do antigo museu paroquial.

Nos trabalhos preliminares à musealização referida, identificámos como pertencentes à necrópole do Poço dos Mouros, três recipientes de cerâmica, encontrando-se apenas um deles

completo, fragmentos de um quarto, parte de dente fóssil de grande tubarão (*Charcharocles megalodon*), uma sepultura escavada na rocha, diversos pedaços de outra, que teria tido maiores dimensões, assim como algum espólio osteológico humano, ainda associado àqueles jazigos.

As peças de cerâmica assinaladas encontravam-se guardadas no edifício da Câmara, enquanto os elementos de arquitectura funerária estavam depositados nas oficinas municipais, no lugar da Orada.

No interior daqueles conservavam-se, ainda, os ossos humanos mencionados, pequenos fragmentos de cerâmica e o dente fóssil referido, à mistura com lixo diverso. Este espólio foi devidamente lavado e colado, tendo os recipientes de cerâmica sido restaurados, por pessoal técnico da Oficina de Restauro do Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, sob nossa orientação¹.

O espólio da necrópole do Poço dos Mouros, tal como uma das sepulturas, integram, desde o Verão de 1999, a exposição permanente do “Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira”.

A evidente importância dos testemunhos que ainda se conservavam desta necrópole, tanto arqueológicos como antropológicos, que, conforme descreveremos, apenas foram sucintamente referidos, e nem sempre de modo correcto, conduziu a elaborarmos o presente estudo.

Interessa, ainda, relevar a raridade de necrópoles visigóticas constituídas por sepulturas escavadas na rocha e com espólio associado, encontradas na Península Ibérica e, sobretudo, no Algarve, conferindo maior significado ao conjunto do Poço dos Mouros.

3. História das investigações

A mais antiga notícia sobre o arqueossítio em apreço encontra-se inserida em trabalho apresentado, em 1958, ao I Congresso Nacional de Arqueologia, por Maria Elisa Helena Henriques Gomes (1970, p. 85, 86), onde relata ter escavado um silo no sítio do Poço dos Mouros, naquele mesmo ano, e que se encontrava próximo de conjunto de sepulturas abertas na rocha, dispostas “(...) em filas mais ou menos ordenadas (...)”, algumas das quais foram então também exploradas, entregando “(...) fragmentos de ossos e de cerâmica (...)”, materiais cujo paradeiro desconhecemos.

A autora citada informa ainda: “Posteriormente às minhas prospecções nesses sítios, e após a minha saída do Algarve, o Sr. Padre Azevedo, Director do Museu de Albufeira, que tivera conhecimento desta zona arqueológica por meu intermédio, fez aí frutuosas escavações, mas tendo levantado as sepulturas para as remover para o seu Museu, ao arrancá-las da rocha viva, alterou completamente o aspecto da necrópole, apesar dos cuidados que Sua Ex.^a pôs no seu trabalho, segundo declarou em carta que me foi dirigida em 6 de Janeiro de 1959.”

Conforme referiremos, os trabalhos a que procedemos na necrópole do Poço dos Mouros, conduziram ao reconhecimento da profunda vala resultante da remoção das duas sepulturas, sob ordem do antigo pároco de Albufeira, afectando substancialmente o aspecto da jazida (Fig. 2).

O testemunho mais recuado das investigações realizadas pelo P.^o Semedo Azevedo no cemitério que temos vindo a mencionar, em 1958, é constituído pela fotografia, efectuada em Junho de 1959, aquando da inauguração das salas “Visigótica e Romana” do seu museu e por ele publicada, em 1964, no folheto “Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira – História dos seus Primeiros Anos” (p. 12).

Naquele mesmo trabalho é inserida outra fotografia, de 1963, onde se observa uma de tais sepulturas, “à entrada da Sala Visigótica”, sem que, contudo, se faça qualquer alusão ao espólio correspondente, muito embora, o P.^o Semedo Azevedo estivesse bem consciente da importância das investigações a que tinha procedido. E ali se anuncia, em preparação pelo autor, o trabalho “*Algumas necrópoles no Centro do Algarve*”, que infelizmente não haveria de terminar.



Fig. 2 Vista, de nascente, da fossa deixada pela extracção das sepulturas 1 e 2, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-6).

Julgamos que entre o espólio deixado pelo P.^e Semedo Azevedo, por certo se conservaria documentação referente à necrópole agora estudada, conforme aconteceu com a da Retorta, cujos apontamentos foram publicados por Isilda Pires Martins (1988, p. 149-154). Todavia, as diligências por nós efectuadas, no sentido de obtermos outras informações pertinentes sobre este assunto, não obtiveram sucesso.

Alguns anos mais tarde, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos (1972, p. 87), volta a mencionar a necrópole do Poço dos Mouros; as duas sepulturas conservavam-se ainda, em 1966, no Museu de Albufeira, onde acompanhavam “*A cerâmica encontrada, bilhas e vasilhinhas intactas, ...*”, que o P.^e Semedo Azevedo considerou, e bem, visigóticas.

No texto assinalado é, ainda, referido fragmento de *dolium*, com impressão de corda na parede exterior, possivelmente idêntico ao publicado por Maria Elisa Gomes (1970, p. 84, fig. 6-c) e que guarda actualmente o Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira.

Recentemente duas das três peças de cerâmica exumadas pelo P.^e Semedo Azevedo na necrópole do Poço dos Mouros foram publicadas, através de fotografias coloridas, por Idalina Nunes

Nobre (1995, p. 15, 16, figs. 4 e 5), embora uma delas tenha sido denominada “*garrafa romana*” e a outra “*vaso muçulmano do século XII*”, correspondendo a um copo e a parte de jarro, sendo ambas caracteristicamente visigóticas.

Visitámos pela primeira vez, na companhia de Rosa Varela Gomes e de José Correia Viola, então presidente da Câmara Municipal de Silves, a necrópole do sítio do Poço dos Mouros.

Foi então possível verificar que ela integrava vasta zona contendo abundantes vestígios arqueológicos e detectar local onde tal densidade era maior, situado imediatamente a sul e a sudoeste, evidenciando importante alcaria, contendo materiais islâmicos dos séculos X a XIII.

Tanto a necrópole visigótica como a alcaria mencionada foram referidas em trabalho de síntese da autoria de Rosa Varela Gomes (2001).

4. Ambiente natural

A necrópole do Poço dos Mouros ocupa enorme afloramento rochoso da vertente voltada a nordeste de pequena elevação, que integra conjunto de relevos pouco expressivos, rodeados, a nascente e a norte, por cintura de terras baixas e alagadiças, em parte correspondendo a antigas lagoas e lameiros, e a poente por planalto, por vezes coberto por areias plio-pleistocénicas, dissecado por pequenas linhas de água.

As lagoas foram drenadas para a ribeira de Alcantarilha, através da denominada Vala, que corre a nascente da necrópole. Trata-se de importante obra hidráulica, referida tanto em meados do século XVI, como nos primeiros anos da centúria seguinte, respectivamente por Frei João de S. José (1557), na “*Corografia do Reino do Algarve*”, e por Henrique Fernandes Sarrão (1607).

Sobre tal empreendimento, cuja data de construção se desconhece, escreveu Frei João de S. José, referindo-se à povoação de Lagoa: “*Tomou o nome de ùa grande lagoa de água empoçada que tinha diante de si, a qual se vazou e enxugou depois por certas abertas que lhe fizeram em torno e pelo meio, não sem grande indústria e gasto...*”. H. F. Sarrão alude à mesma obra nos seguintes termos: “*...está um cano feito de pedras e cal de mito custo, com suas bocas por cima, largo que cabe por ele um homem em pé, e corre muito espaço de terra; este cano se fez por causa das águas, que vinham dar em ùa lagoa, que se aproveitou para se desviarem por esse cano as águas para outra parte.*”.

Aqueles trabalhos transformaram os solos limítrofes em “*terras lavradas*” e “*terras de pão muito grossas*”, excelentes para o cultivo de cereais, conforme também documenta a existência de testemunhos de actividade agrícola remota, através dos restos de muitos assentamentos romanos e islâmicos existentes na zona, e o seu actual aproveitamento (Magalhães, 1970, p. 21, 22; Guerreiro e Magalhães, 1983, p. 45, 157; Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 52).

O substrato rochoso do local de implantação da necrópole é constituído por calcarenitos e margas do Miocénico, desenvolvendo-se extensos depósitos aluvionares quaternários a nascente.

O solo é utilizado na agricultura, encontrando-se povoado por azinheiras, zambujos, alfarrobeiras e figueiras. Na faixa mais baixa, onde existem diversos poços, foi, recentemente, plantada extensa vinha.

Ali passava, certamente, importante via terrestre que ligava a já cidade de Silves (*Cilpes*) a Alcantarilha e à Costa, onde se erguiam significativos núcleos urbanos, como Albufeira e Faro (*Ossonoba*).

5. Trabalhos efectuados. Meios e métodos

Julgámos imprescindível, tendo em vista publicar o importante espólio exumado na necrópole do Poço dos Mouros, procedermos ao levantamento das sepulturas ainda existentes e tentarmos, de certo modo, recontextualizar os testemunhos chegados até nós.

Com tal finalidade, procedemos, no Verão de 2000, à limpeza da necrópole e ao levantamento desenhado e fotográfico das sepulturas que nela pervivem, assim como à prospecção da sua área envolvente.

Os trabalhos foram superiormente autorizados, pelo Instituto Português de Arqueologia, e contaram com a aprovação do proprietário do local, Eng.º José Aníbal Guedes de Andrade Vilarinho, a quem agradecemos.

A pronta anuência do IPA, permitiu que os trabalhos de campo decorressem entre 20 e 24 de Setembro.

Além do signatário, participaram nas tarefas de limpeza da necrópole do Poço dos Mouros, os estudantes finalistas da Variante de Arqueologia, do Curso de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L., Carla Lemos Estrela, Elisabete Barradas, José Gonçalo Valente e Sónia Duarte Ferreira.

Os desenhos de campo estiveram a cargo de Carla Lemos Estrela, de Ana Machado e do autor, sendo os de gabinete da autoria daquela última e de Cristina Gaspar.

Iniciaram-se os trabalhos com o corte da vegetação, constituída por ervas, silvas e carrascos, que cobria em grande parte a necrópole. Em seguida, procedemos à remoção da fina camada de terra que escondia, em muitas zonas, a superfície do afloramento e algumas das sepulturas.

Dado que se encontraram pequenos fragmentos de osso e de cerâmica, todas as terras foram escolhidas manualmente.

Por fim, procedeu-se à limpeza das sepulturas, verificando-se que, apesar desta jazida ter sido investigada por dois arqueólogos, em duas delas ainda se encontravam fragmentos de ossos humanos, presumivelmente *in situ*, estudadas pelo Dr. L. Campos Paulo.

É possível que, sob zonas onde a terra apresenta maior espessura e o coberto vegetal mostra maior densidade e até existem algumas árvores, possam existir outras sepulturas. Recordemos, em abono desta hipótese, o facto de ter sido após a escavação das sepulturas então visíveis e sem outro espólio que o antropológico, por Maria Elisa Gomes, é que o P.º Semedo Azevedo detectou as duas sepulturas que exumou, contendo, além de restos humanos, os acervos agora dados a conhecer.

Para um mais correcto registo do eventual espólio e de modo a facilitar o levantamento desenhado, foi implantada, na área da necrópole, malha de quadrados com dois metros de lado.

O levantamento desenhado da necrópole, composto por planta e dois cortes longitudinais, de modo a integrarem sepulturas, foi efectuado à escala 1:20 e cotado, a partir de ponto zero convencional (0=0,00). Este corresponde à cota mais elevada do afloramento onde se escavaram as sepulturas, tendo-se executado o registo altimétrico com valores negativos a partir daquele ponto.

Atribuíram-se os números 1 e 2 às sepulturas exploradas e cortadas pelo P.º Semedo Azevedo e numeraram-se as restantes da esquerda para a direita e de norte para sul, registando-se na totalidade oito de tais testemunhos, embora um deles (sep. 8) se encontre muito destruído, conduzindo, até, a que tenhamos tido dúvidas ao atribuir-lhe aquela classificação.

O espólio desta necrópole que chegou ao nosso conhecimento foi desenhado e descrito, tendo-se, também, descrito a totalidade dos restos osteológicos humanos (cf. Cap. 9, da autoria de L. Campos Paulo).

6. Estruturas e estratigrafia

Conforme anteriormente tivemos oportunidade de registar, este cemitério, constituído por sepulturas escavadas na rocha, aproveita extenso afloramento de calcários conquíferos miocénicos, com ampla superfície sub-horizontal, que se destaca na paisagem da zona (Figs. 3, 4).

O afloramento apresenta forma sub-rectangular, medindo cerca de 12 m de comprimento, na direcção sudeste-noroeste por, aproximadamente, 10 m de largura. Todavia, a zona ocupada pela necrópole, ou pelo menos aquela onde os seus testemunhos são evidentes, compreende o seu sector central e o quadrante noroeste.

É possível que, aquando da abertura das sepulturas, parte do afloramento rochoso tivesse sido artificialmente aplanado, conforme permitem interpretar zonas que não mostram a superfície erodida e polida, sob acção dos agentes meteóricos ao longo dos séculos.

As sepulturas, todas com câmara escavada no substrato, encontram-se distribuídas por três alinhamentos, sensivelmente paralelos entre si.

Dois sepulturas (seps. 7 e 8) constituem o alinhamento situado mais a sul, quatro outras ao alinhamento central e as duas removidas pelo P.^o Semedo Azevedo formavam o alinhamento localizado a nordeste.

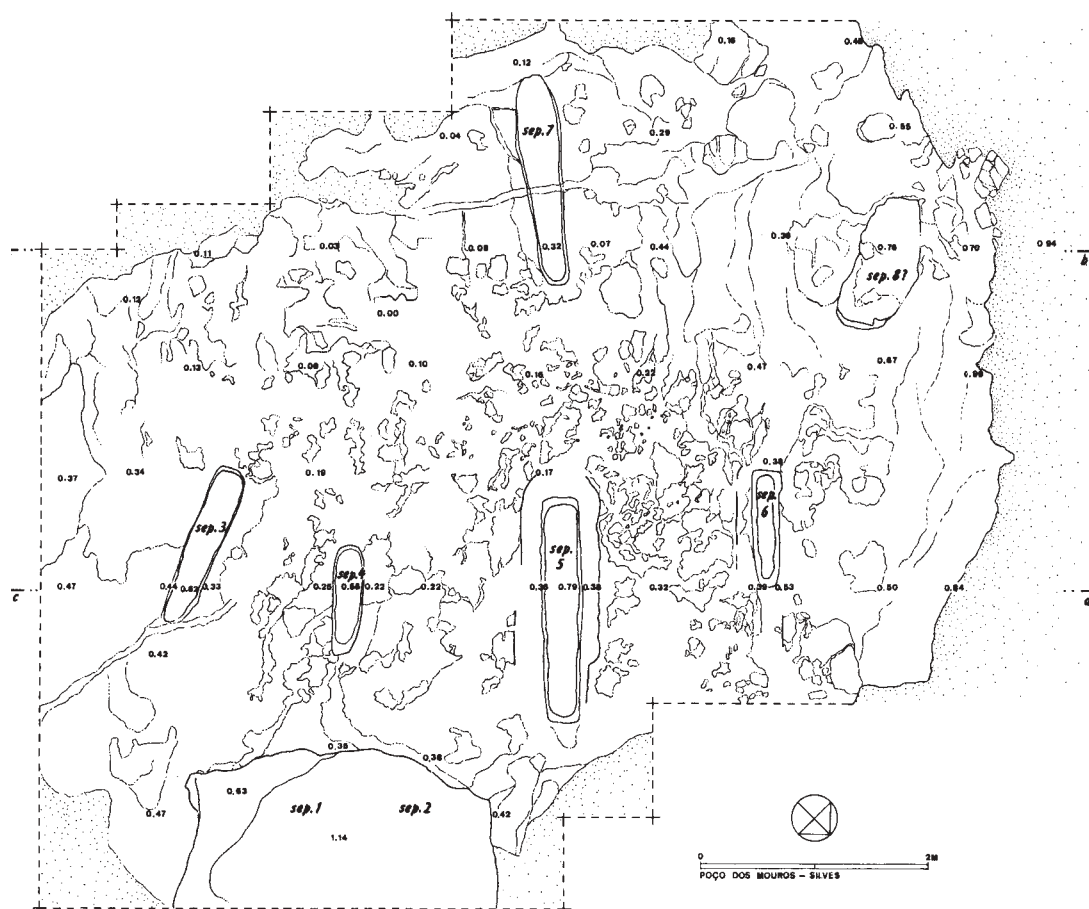


Fig. 3 Planta da necrópole do Poço dos Mouros (lev. C. Estrela, A. Machado e M. V. Gomes).

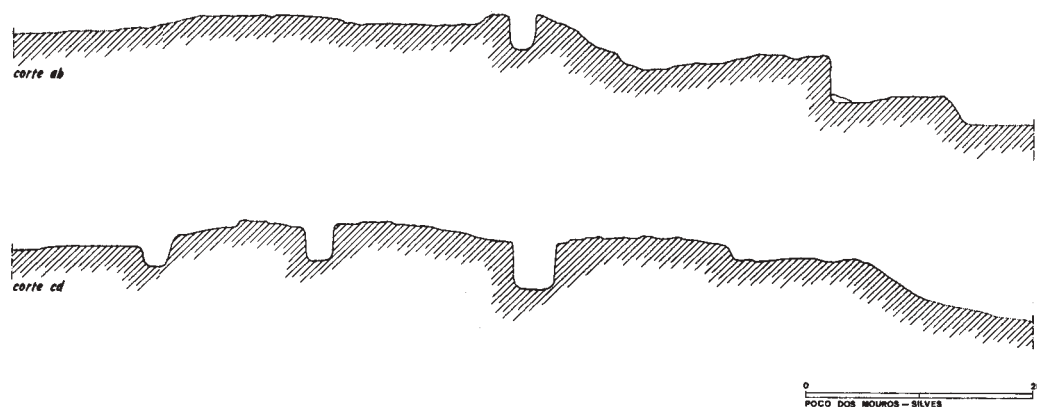


Fig. 4 Cortes longitudinais da necrópole do Poço dos Mouros (lev. C. Estrela, A. Machado e M. V. Gomes).

A implantação das sepulturas removidas encontra-se denunciada pela vala que detectámos, com 0,80 m de profundidade e propositadamente entulhada, por certo devido à crítica pertinente efectuada por Maria Elisa Gomes, que antes transcrevemos, dirigida à acção do pároco de Albufeira, onde especificamente o acusa de ter alterado “(...) o aspecto da necrópole (...)”.

Algumas zonas da necrópole encontravam-se cobertas por fino estrato de terras, de matriz argilosa e não muito coesas, com cor castanha (10YR 4/4)², que também preenchia parte das sepulturas.

Aquelas terras, muito revolvidas, continham pequenos fragmentos de ossos humanos e de cerâmica. Estes, quando contendo porção do bordo, do fundo ou de asa, encontram-se descritos em 7.2.2.

Passamos a descrever cada uma das sepulturas identificadas.

6.1. Sepultura 1

Actualmente exposta no “Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira”, mostra câmara com planta sub-rectangular, embora com os cantos arredondados. Em um dos topos, possivelmente o correspondente à cabeça do defunto, estreita a partir de meia altura, oferecendo sugestão de forma antropomórfica. O fundo é ligeiramente côncavo (Fig. 5).

Encontrar-se-ia orientada no sentido sudoeste-nordeste.

Mede 1,05 m de comprimento, 0,30 m de largura e 0,40 m de profundidade máxima. Possivelmente continha, além de espólio antropológico, a garrafa e o copo, descritos em 7.1. e 7.2.

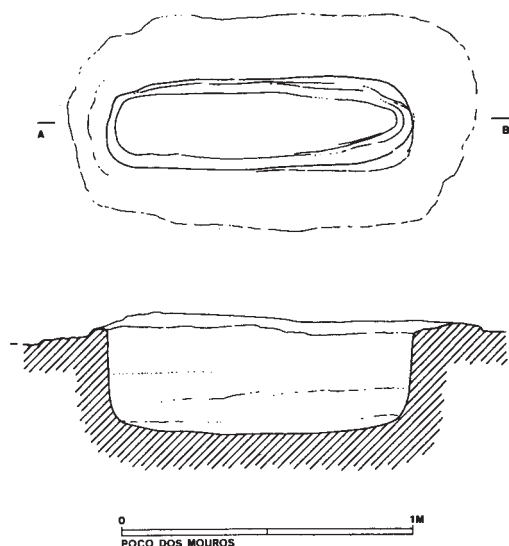


Fig. 5 Planta e corte da sepultura (1) da necrópole do Poço dos Mouros, que se conserva no Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira (lev. C. Gaspar).

6.2. Sepultura 2

Também removida pelo P.^e Semedo Azevedo, apresentava maiores dimensões que as restantes, tendo sido interpretada pelo seu escavador como ossuário, certamente devido ao facto de conter restos osteológicos pertencentes a diversos indivíduos.

Os fragmentos desta estrutura, chegados até nós, permitiram perceber que teria câmara com planta de forma rectangular, com os cantos arredondados, medindo cerca de 1,80 m de comprimento, 0,50 m a 0,60 m de largura e 0,60 m de profundidade.

Encontrar-se-ia orientada no sentido sudoeste-nordeste.

É possível que contivesse, além de espólio antropológico pertencente a três indivíduos, os fragmentos dos jarros descritos sob os números 7.3. e 7.4., assim como dente fóssil de tubarão (cf. Cap. 8).

6.3. Sepultura 3

Oferece câmara com planta de forma sub-trapezoidal, mais larga na cabeceira e com os cantos arredondados (Figs. 6, 7).

As paredes são verticais e o fundo ligeiramente côncavo. Mostra, em redor, vestígios de gola, constituída por aplanamento, certamente para encaixe de tampa monolítica ou formada por diversos elementos pétreos.

Encontra-se orientada, aproximadamente, no sentido poente-nascente.

Mede 1,63 m de comprimento, 0,30 m de largura máxima, na zona correspondente aos ombros, e 0,30 m de profundidade.



Fig. 6 Vista, de nordeste, das sepulturas 3 e 4, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-16).

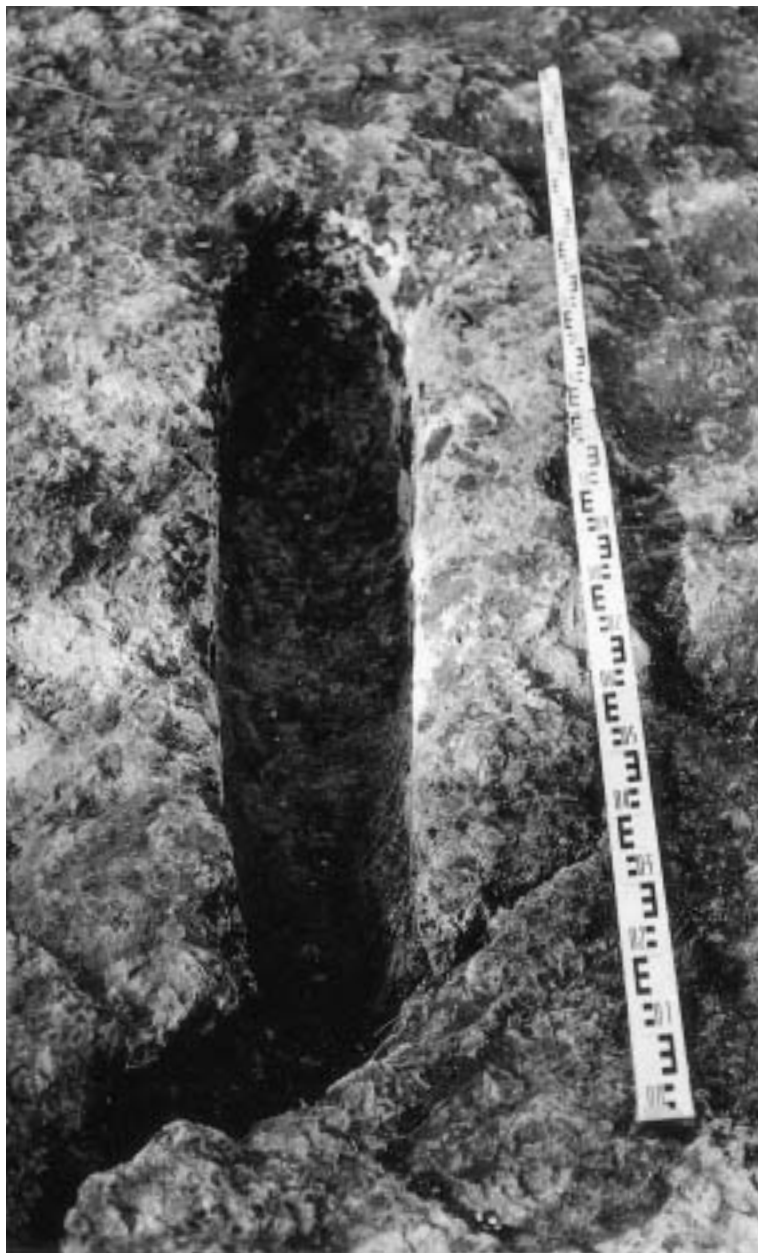


Fig. 7 Vista, de nordeste, da sepultura 3, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-8).

6.4. Sepultura 4

Apresenta câmara com planta de forma oval alongada, mais larga ao centro (Fig. 6). As paredes são verticais, exceptuando-se a do lado inferior esquerdo que é ligeiramente inclinada para o exterior.

O fundo é algo côncavo. Oferece, em redor, vestígios de gola.

Encontra-se orientada, aproximadamente, no sentido sudoeste-nordeste.

Mede 0,98 m de comprimento, 0,29 m de largura máxima (no volume mesial) e 0,33 m de profundidade.

Continha esquirola de osso humano indeterminado.

6.5. Sepultura 5

Mostra câmara com planta de forma sub-retangular, ligeiramente mais larga no terço distal e com os cantos arredondados (Figs. 8, 10, 11).

As paredes são quase verticais, embora a da cabeceira seja ligeiramente inclinada para o exterior. O fundo é quase plano.

Oferece aplanamento da área envolvente, formando gola, com 0,20 m a 0,24 m de largura. Encontra-se orientada, aproximadamente, no sentido sudoeste-nordeste.

Mede 1,98 m de comprimento, 0,36 m de largura máxima (no volume mesial) e 0,45 m de profundidade.

Continha diversos restos antropológicos.



Fig. 8 Vista, de nordeste, da sepultura 5, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-9).

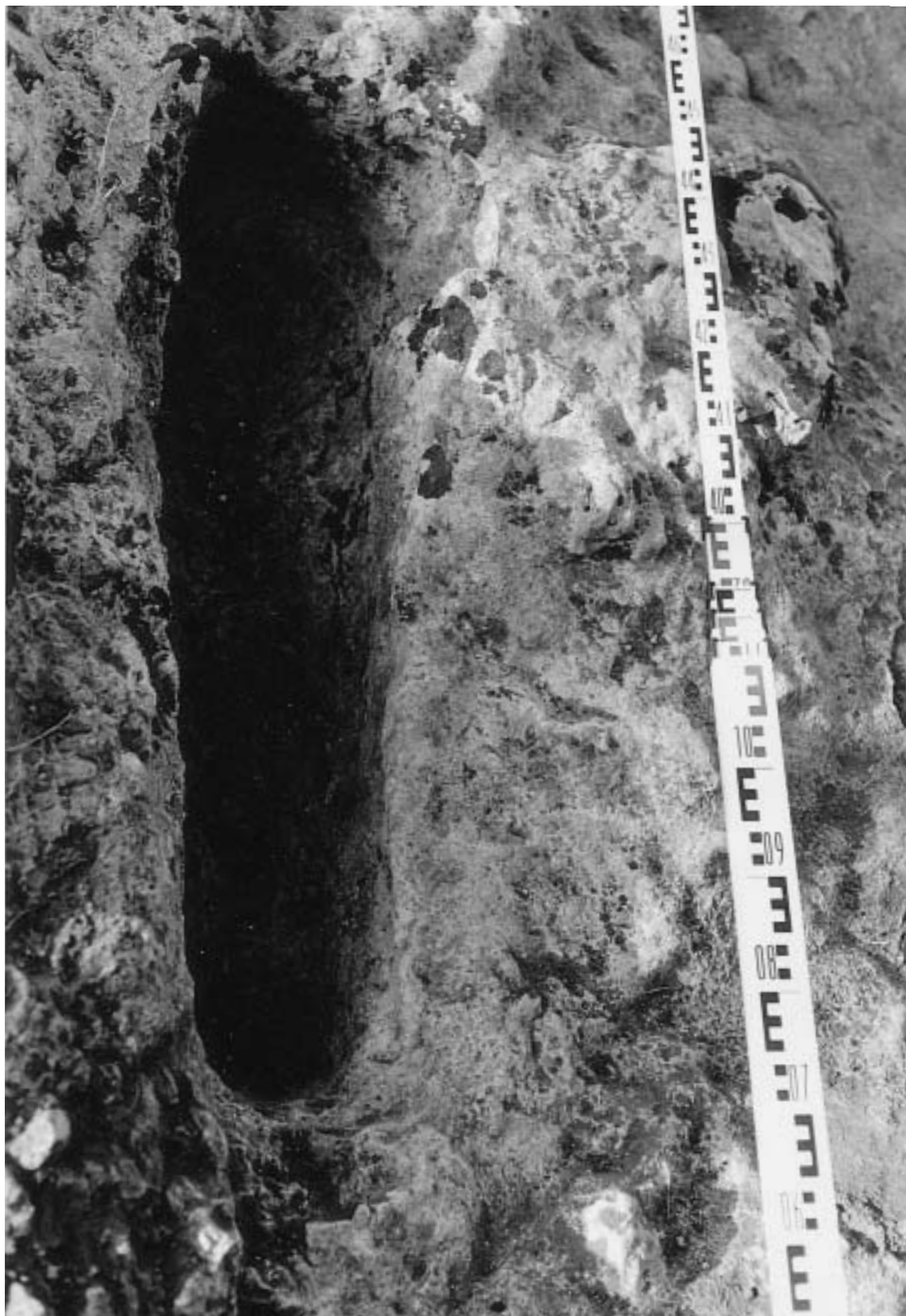


Fig. 9 Vista, de nordeste, da sepultura 6, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-10).



Fig. 10 Vista, de sudoeste, das sepulturas 5 e 6, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-22).



Fig. 11 Vista, de sudoeste, da sepultura 5, da necrópole do Poço dos Mouros, com simulação de inumação (foto M. V. Gomes, R IV/00-20).

6.6. Sepultura 6

Oferece câmara com planta de forma sub-trapezoidal, algo mais larga no terço distal e com os cantos arredondados (Figs. 9, 10).

As paredes estão ligeiramente inclinadas para o exterior e o fundo é côncavo.

Mostra gola envolvente, melhor conservada no lado nascente, com 0,13 m de largura.

Encontra-se orientada, aproximadamente, no sentido sudoeste-nordeste.

Mede 1,04 m de comprimento, 0,23 m de largura máxima (no volume distal) e 0,31 m de profundidade.

No lado nordeste, ou seja, junto à extremidade correspondente aos pés, observa-se corte na rocha, com 0,22 m de largura, que sugere o início de abertura de sepultura, com maiores dimensões, que não teve continuidade.

Continha pequeno fragmento, correspondendo a porção do fundo, de panela (cf. Cap. 7.2.1.).

6.7. Sepultura 7

Apresenta câmara com planta de forma sub-trapezoidal, mais larga no terço distal, ou seja na zona correspondente aos ombros, com os cantos arredondados (Fig. 12).

As paredes estão ligeiramente inclinadas para o exterior e o fundo é quase plano.

Mostra vestígios de gola, em redor da metade inferior.

Encontra-se orientada, aproximadamente, no sentido sudoeste-nordeste.

Mede 1,91 m de comprimento, 0,42 m de largura máxima, na zona correspondente aos ombros, e 0,30 m de profundidade.

Continha restos antropológicos, alguns ainda *in situ*.



Fig. 12 Vista, de sudeste, da sepultura 7, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-12).

6.8. Sepultura 8

Devido ao seu avançado estado de destruição, pois apenas conserva a parede do lado nascente e o fundo, não temos a certeza que se trata de uma sepultura. De facto, os testemunhos chegados até nós, podem corresponder a fossa destinada a ossuário ou com qualquer outro fim que desconhecemos (Fig. 13).

Mostrava câmara com planta de forma sub-rectangular, com os cantos arredondados.

A parede conservada é vertical e o fundo ligeiramente côncavo.

Encontrava-se orientada no sentido poente-nascente, tal como a sepultura 3.

Media 1,20 m de comprimento, 0,50 m de largura máxima (no volume mesial) e 0,38 m de profundidade.



Fig. 13 Vista, de norte, da sepultura 8, da necrópole do Poço dos Mouros (foto M. V. Gomes, R IV/00-14).

7. Espólio cerâmico

7.1. Cerâmicas procedentes da escavação do P.^o Semedo Azevedo

7.1.1. Garrafa

Mostra corpo ovóide alongado, assente em fundo plano e tem gargalo subcilíndrico, alto, com bordo destacado, de perfil triangular. O lábio oferece secção semicircular (Figs. 14, 15). O gargalo apresenta cordão a meia altura, a que corresponde pequena depressão na parede interior. A meio do corpo exhibe série de finas caneluras.

As duas asas, opostas, têm perfil quase recto e secção biconvexa, arrancando do volume mesial do gargalo para assentarem na parte superior do corpo.

Foi fabricada com pasta homogénea, mas não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, calcários e micáceos, entre os quais alguns de cor negra (biotite), de grão médio. Tanto o núcleo como as superfícies das paredes, bem alisadas, apresentam cor castanha clara (5YR 5/8).

Foi restaurada, mostrando as superfícies originais zonas estaladas e pouco consolidadas. Mede 0,283 m de altura, 0,038 m de diâmetro no bordo, 0,129 m de diâmetro máximo e 0,076 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,005 m.

É possível que integrasse a sepultura 1.

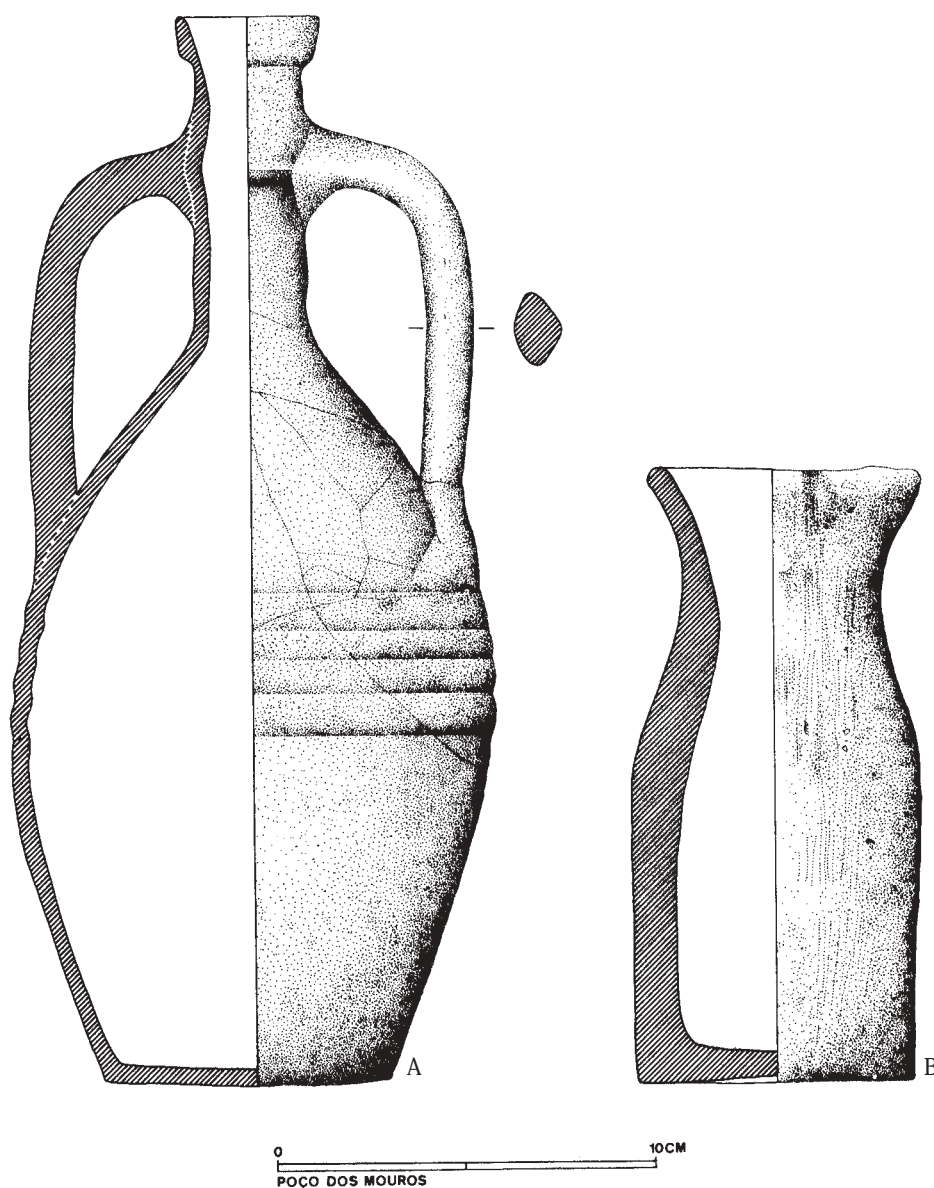


Fig. 14 Espólio exumado, pelo P.º Semedo Azevedo, na sepultura 1 da necrópole do Poço dos Mouros. A- garrafa com duas asas; B - copo (des. de C. Gaspar).



Fig. 15 Garrafa com duas asas e copo, da necrópole do Poço dos Mouros (sep. 1) (foto M. V. G., R IV/99-31).

7.1.2. Copo

Oferece forma subcilíndrica, com colo estrangulado e bordo extrovertido. O lábio tem secção semicircular. Assenta em fundo ligeiramente côncavo (Figs. 14, 15).

Foi fabricado com pasta pouco homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio a grosseiro.

Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, não muito bem alisadas, mostram cor castanha avermelhada (10R 4/6), incluindo manchas de cor cinzenta (10R 4/1). Na superfície exterior observam-se restos de engobe, de cor vermelha alaranjada (10R 5/8).

Foi montado ao torno lento.

Mede 0,163 m de altura, 0,072 m de diâmetro no bordo, 0,076 m de diâmetro máximo no corpo e 0,078 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,012 m.

É possível que integrasse a sepultura 1.

7.1.3. Jarro

Fragmento correspondendo ao corpo, com forma bitroncocónica, e ao arranque da asa. O fundo é ligeiramente convexo (Fig. 16-A).

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

Tanto o núcleo como as superfícies das paredes, bem alisadas, oferecem cor bege amarelada (2.5YR 8/4).

Mostrava cordão na zona do arranque do gargalo, assim como dois outros, mais largos, sobre a carena, a meia altura do corpo. Sobre o cordão mais alto assenta a asa que, com perfil recto, ligaria o gargalo ao corpo.

Mede 0,131 m de diâmetro máximo no corpo e 0,080 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,006 m na parte inferior do corpo e de 0,004 m na parte superior daquele.

É possível que integrasse a sepultura 2.

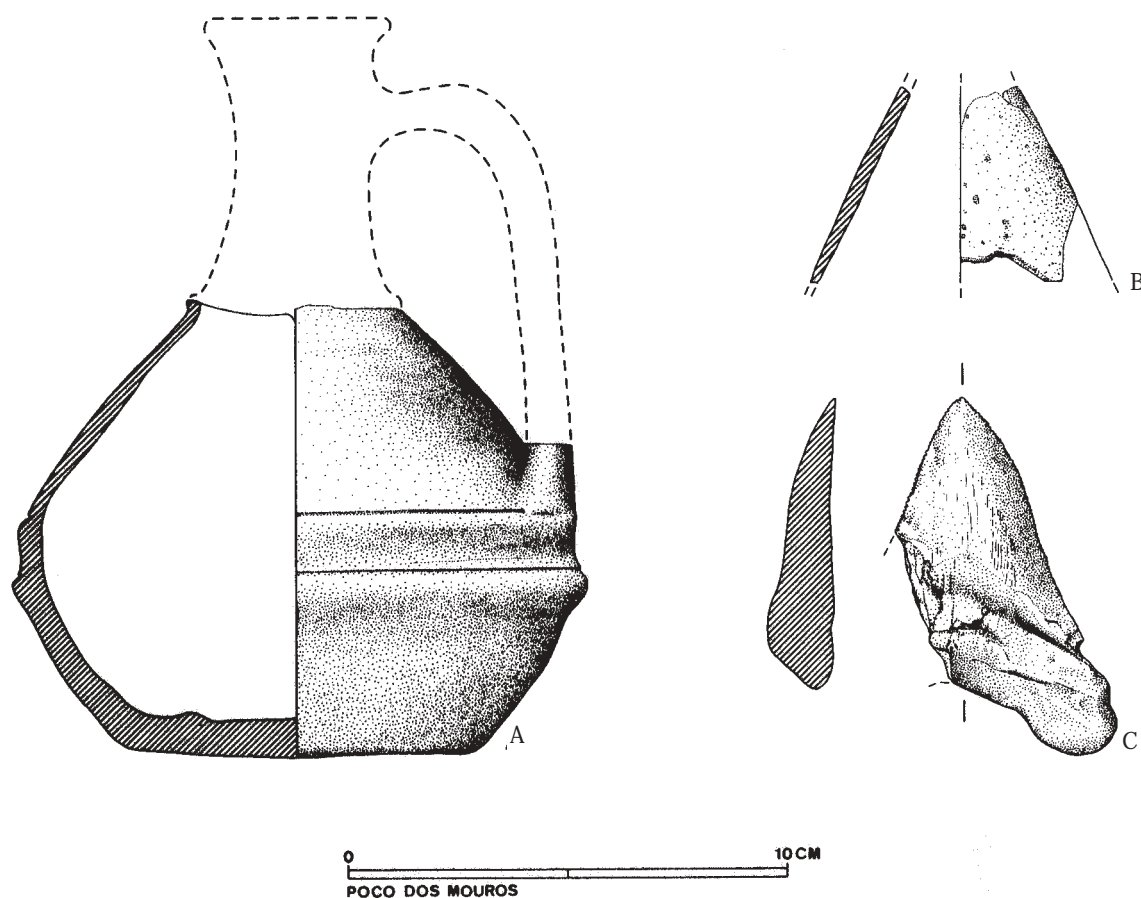


Fig. 16 Espólio exumado, pelo P.^o Semedo Azevedo, na necrópole do Poço dos Mouros. A e B, fragmentos de *oenochos*; C, fragmento de dente fóssil de esqualo (des. de C. Gaspar).

7.1.4. Jarro ou garrafa

Fragmentos correspondentes ao corpo e ao arranque do gargalo. Este tinha forma tronco-cónica (Fig. 16-B).

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzosos, micáceos, feldspáticos e calcários, de grão fino a médio.

Tanto o núcleo como as superfícies das paredes, bem alisadas, oferecem cor bege (10YR 7/3). A espessura média das paredes é de 0,003 m.

É possível que integrasse a sepultura 2.

7.2. Cerâmicas encontradas durante os trabalhos conduzidos pelo signatário

7.2.1. Recolhidas na sepultura 6

Panela (?) (P.M./Sep. 6).

Fragmento correspondendo a porção do fundo. Este era plano (Fig. 17-F).

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes é de cor cinzenta (2.5YR 5/0) e ambas superfícies apresentam cor alaranjada (2.5YR 5/8), certamente devido ao facto do arrefecimento se ter processado em ambiente oxidante.

Media 0,107 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,005 m.

7.2.2. Recolhidas nas terras da necrópole

Taça (P.M./S.1).

Fragmento correspondendo a porção do bordo (Fig. 17-A).

Mostrava forma hemisférica achatada e bordo demarcado, na superfície exterior, por cordão. Apresenta lábio de secção semicircular, com tendência para biselado no interior.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes é de cor castanha (7.5YR 4/4) e ambas superfícies apresentam restos de engobe, de cor salmão (10R 5/8).

Media 0,130 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,006 m.

Taça (P.M./S.2).

Fragmento correspondendo a porção do bordo (Fig. 17-B).

Mostrava forma hemisférica achatada e lábio com a superfície superior plana.

Foi fabricada com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos, feldspáticos e de arenito vermelho, de grão médio a grosseiro.

Tanto o núcleo como a superfície exterior das paredes são de cor castanha clara (5YR 5/6). A superfície interior mostra engobe de cor rosada (10R 6/6).

Media 0,180 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,008 m.

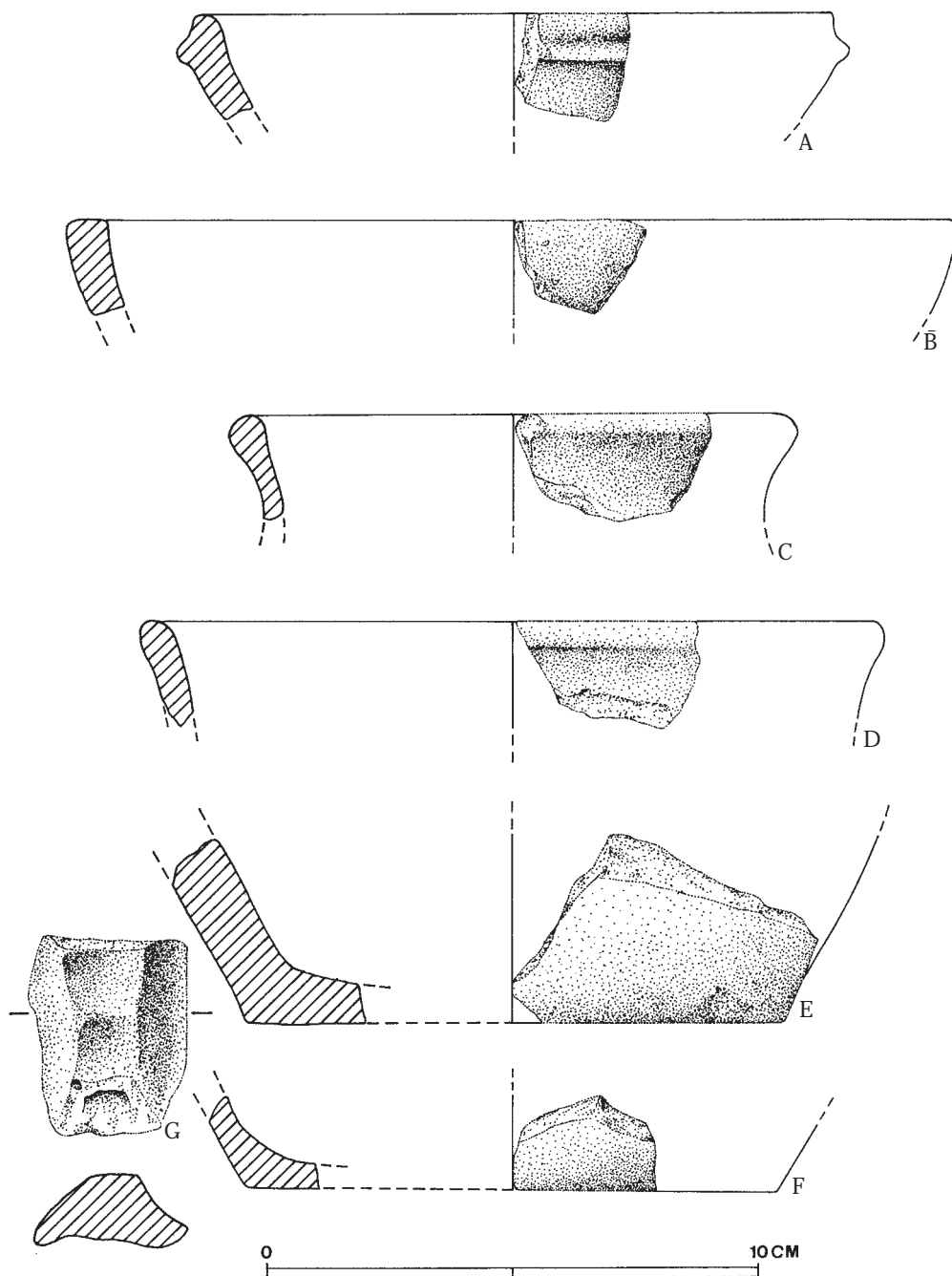


Fig. 17 Espólio encontrado, na sepultura 6 (F) e à superfície do terreno, na necrópole do Poço dos Mouros (des. C. Gaspar).

Panela (P.M./S.3).

Fragmento correspondendo a porção do bordo (Fig. 17-C).

O gargalo era baixo e o bordo, ligeiramente extrovertido e espessado externamente, apresentava lábio com secção semicircular.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor castanha (2.5YR 4/4) e ambas superfícies receberam engobe de cor castanha, de tom muito claro (2.5YR 6/6).

Media 0,116 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

Panela (P.M./S.4).

Fragmento correspondendo a porção do bordo (Fig. 17-D).

O gargalo era baixo e o bordo, ligeiramente extrovertido e espessado, apresentava lábio com secção semicircular.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio.

Tanto o núcleo como as superfícies das paredes são de cor castanha (5YR 5/6).

Media 0,150 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,007 m.

Cântaro (P.M./S.5).

Fragmento correspondendo a porção do fundo. Este era plano (Fig. 17-E).

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite), de grão médio.

O núcleo das paredes é de cor castanha (5YR 3/4) e ambas superfícies apresentam engobe de cor vermelha escura (10R 4/6).

Media 0,109 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,012 m.

Jarro (?) (P.M./S.6).

Fragmento correspondendo a porção de asa (Fig. 17-G).

Apresenta secção trapezoidal e série de impressões digitadas, largas e profundas, dispostas na vertical.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio e, alguns, grosseiros.

O núcleo das paredes é de cor bege (7.5YR 7/4) e ambas superfícies mostram engobe de cor salmão (10R 6/6).

Media 0,031 m de largura média e 0,015 m de espessura máxima.

8. Dente fóssil

Dente, talvez inferior, incompleto, devido a fractura, de grande tubarão, *Charcharocles megalodon* (Agassiz), espécie própria de águas temperadas, mais quentes que as actuais (Fig. 16-C). Encontra-se amputado em parte do volume mesial, faltando-lhe uma das extremidades próximas.

Apresenta cor castanha clara. Mede 0,083 m de comprimento, 0,040 m de largura e 0,015 m de espessura máxima (volume mesial).

No Algarve conhecem-se raros dentes deste esqualo (4), sendo procedentes das formações miocénicas da Praia da Rocha, da Praia Grande e do Arrifão. Os dois últimos locais situam-se na orla marítima do concelho de Albufeira, a ocidente daquela cidade (Antunes, Jonet e Nascimento, 1981, p. 14, 17, est. II-15).

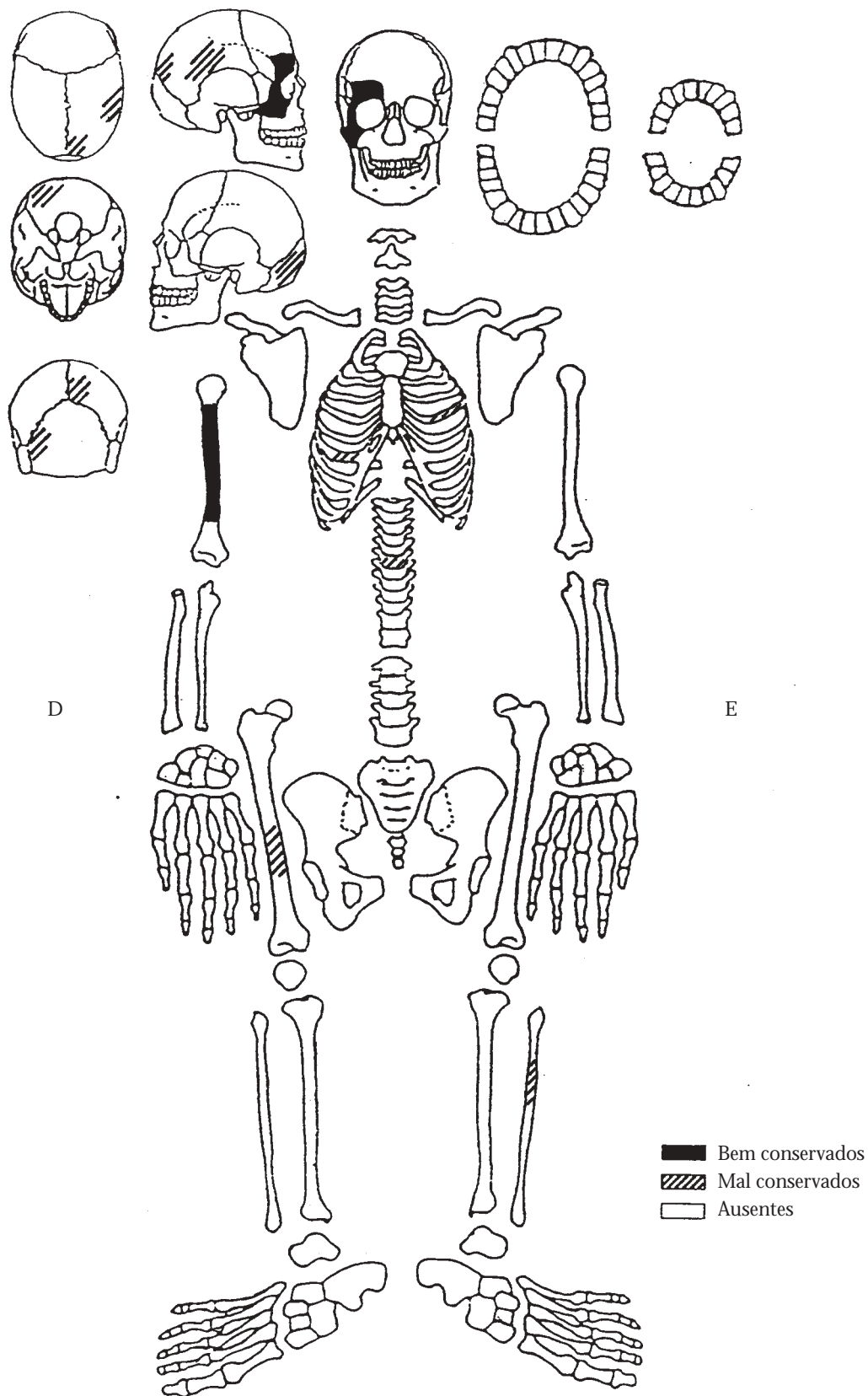


Fig. 18 Espólio osteológico da sepultura 1 (seg. L. C. Paulo).

9. Espólio antropológico

Luís Campos Paulo

O espólio osteológico humano da necrópole rupestre agora dada a conhecer é escasso e apresenta elevado nível de destruição, não permitindo a determinação da grande maioria dos elementos caracterizadores, em termos antropológicos, dos indivíduos a que pertenciam.

9.1. Sepultura 1

O espólio antropológico conservava-se no interior da sepultura. As peças osteológicas chegadas até nós devem pertencer, apenas, a um indivíduo (Fig. 18).

9.1.1. Ossos da cabeça

Crânio.

Oito fragmentos, mostrando espesso diploé.

Frontal.

Fragmento abrangendo a região e orifício supra-orbitário direitos, arco orbitário e apófise orbitária externa. Apresenta sinais de possível hiperostose esponjosa orbital, geralmente denominada *cribra orbitalis*.

Malar direito.

De indivíduo adulto e sem alterações patológicas.

Parietais direitos.

Fragmentos, muito mutilados, com espesso diploé, medindo cerca de 7 mm, um deles abrangendo parte da sutura temporal-parietal, sendo visíveis as marcas dos vasos meníngeos na tábua interna. Um outro apresenta a sutura sagital e parte da lambdoideia, de forma labiríntica, consolidada, mas sem apagamento na tábua externa.

Occipital.

Dois fragmentos, muito mutilados, abrangendo ambas partes da sutura lambdoideia, possivelmente do lado esquerdo.

Ossos craniano.

Fragmento, de região indeterminada, pertencente a indivíduo adulto.

9.1.2. Ossos do tronco

Costelas.

Dois fragmentos, de indivíduo adulto, sem alterações patológicas.

Vértebras dorsais.

Fragmento de lâmina, muito destruída e abrangendo as apófises articulares inferiores, e fragmento do corpo.

9.1.3. Ossos dos membros***Membros superiores****Úmero direito (?)*

Fragmento da diáfise, com destruição total das epífises.

Úmero de lado indeterminado.

Porção da diáfise, de indivíduo adulto.

Membros inferiores*Fémur de lado indeterminado.*

Porção mesial da diáfise, apresentando linha áspera e orifício nutritivo. O desenvolvimento da linha áspera sugere indivíduo do sexo masculino.

Perónio de lado indeterminado.

Fragmento da diáfise.

9.2. Sepultura 2

Identificaram-se peças osteológicas, que se conservavam no interior da sepultura, pertencentes, pelo menos, a três indivíduos (NMI).

9.2.1. Inumação 1 (Fig. 19)**9.2.1.1. Ossos da cabeça**

Correspondem a crânio, de indivíduo adulto, muito fragmentado, mostrando espesso diploé.

Frontal.

Ligeiramente fugidio e com arcada supra-órbital acentuada, sugerindo indivíduo adulto, do sexo masculino. As suturas coronal, de tipo labiríntico, e metópica, encontram-se consolidadas e com apagamento na tábua interna.

Na porção ântero-lateral externa dos tectos das órbitas encontram-se sinais de possível hiperostose esponjosa orbital, mais vulgarmente conhecida por *cribra orbitalis*.

Temporal direito.

Apresenta apófise mastóide desenvolvida, indicando indivíduo adulto e do sexo masculino.

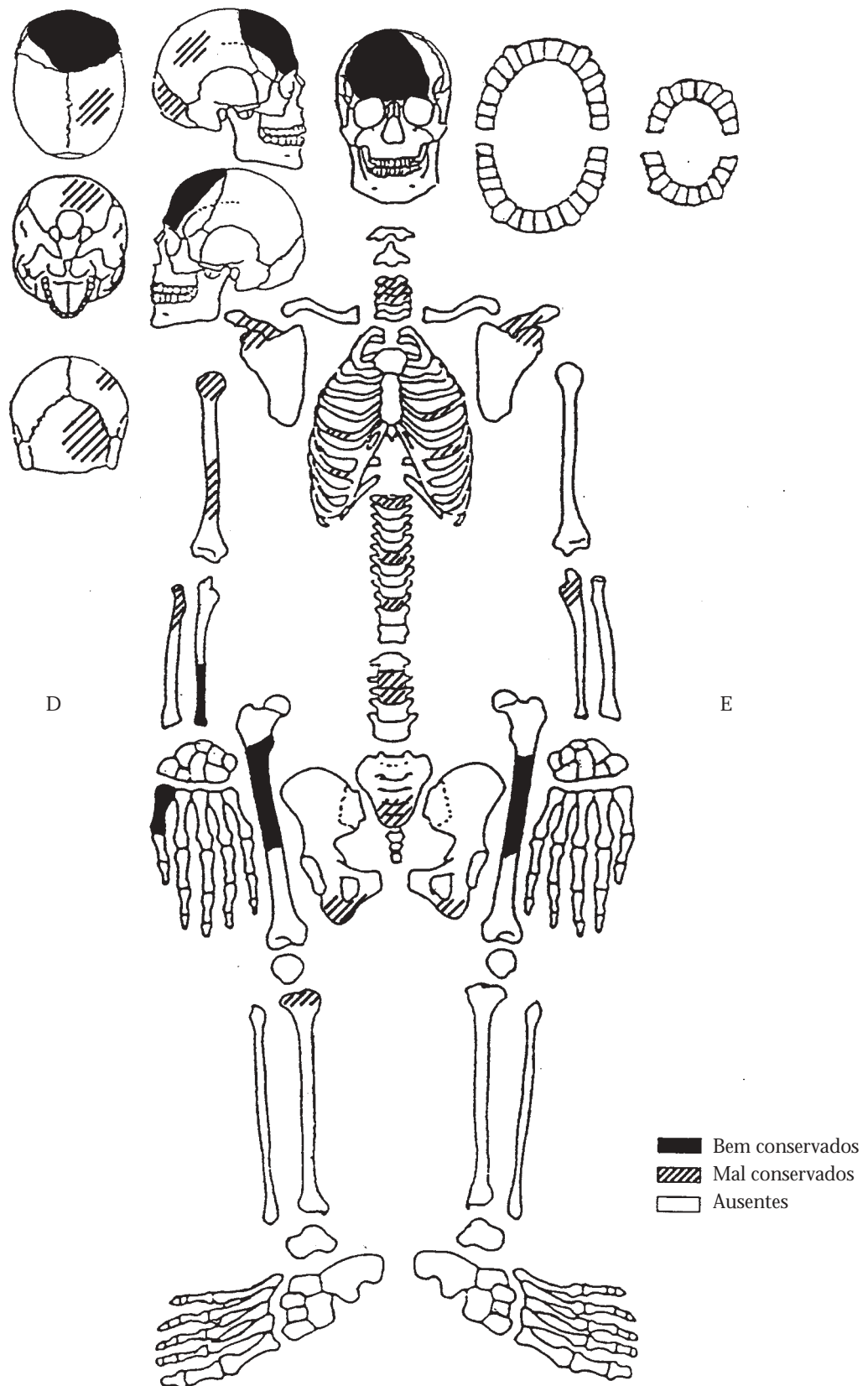


Fig. 19 Espólio osteológico correspondente à inumação 1 da sepultura 2 (seg. L. C. Paulo).

Parietal.

Conservaram-se diversos fragmentos.

Occipital.

Mostra destruição do corpo basilar e dos côndilos, oferecendo rugosidades musculares compatíveis com indivíduo do sexo masculino. As suturas são labirínticas, encontrando-se consolidadas e mostrando, em algumas áreas, sinais de apagamento.

Esfenóide.

Perviveram dois fragmentos, muito destruídos.

Foi possível registar as seguintes medidas:

Distância máxima do frontal (*nasion – bregma*) – cerca de 120 mm.

Distância máxima do parietal (*bregma – lambda*) – 120 mm.

Distância máxima do occipital (*lambda – opistion*) – 45 mm.

Distância mínima do frontal (*nasion – bregma*) – 102 mm.

Distância mínima do parietal (*bregma – lambda*) – 100 mm.

Diâmetro entre os astérios – 109 mm.

O nível de destruição deste espólio não permitiu determinar grande parte das medidas, inviabilizando obter o índice craniano.

*9.2.1.2. Ossos do tronco**Costelas.*

Quatro fragmentos, três dos quais correspondendo a porções mesiais, muito destruídos, mas pertencentes a indivíduo adulto. O quarto fragmento conserva a extremidade posterior.

Vértebras cervicais.

Nove fragmentos, compatíveis com o mesmo indivíduo.

Registou-se terceira vértebra cervical, apresentando a apófise espinhosa com ligeiro desvio para o lado direito e destruição completa da apófise transversa do lado esquerdo. Um fragmento corresponde, possivelmente, à quarta vértebra, ainda do corpo cervical, mostrando destruição de parte do corpo e da apófise espinhosa.

Vértebras dorsais.

Cinco fragmentos, conservando um deles apenas a apófise espinhosa. Dois correspondem a corpos de vértebras indeterminadas, apresentando um esboço de osteofitose no bordo inferior. Dois fragmentos, muito mutilados, um dos quais abrangendo parte do corpo e da apófise articular superior e o outro o corpo, contendo parte das apófises articular superior e transversa esquerdas.

Vértebras lombares.

Contaram-se dois fragmentos. Um pertenceu a vértebra indeterminada, mostrando destruição das apófises, transversas e espinhosa, e das superfícies exteriores do corpo. Subsiste

parte da apófise articular superior direita e parte do corpo, compatível com a terceira vértebra lombar, evidenciando destruição das apófises.

Sacro.

Fragmento muito destruído, de adulto, apresentando parte da quarta e quinta vértebras sagradas.

9.2.1.3. Ossos dos membros

Membros superiores

Omoplata esquerda.

Dois fragmentos, um apresentando a cavidade glenóide e outro abrangendo parte do acrómio.

Omoplata direita.

Dois fragmentos, em avançado estado de destruição, conservando um deles a cavidade glenóide e a apófise coracóide, e o outro parte do acrómio, muito destruído. Ambos pertenceram a indivíduo adulto.

Úmero direito.

Terço inferior, pertencente a indivíduo adulto, com destruição completa da epífise distal, e diversas mutilações na superfície externa. Também se conserva a epífise superior do úmero, possivelmente do mesmo lado, abrangendo parte da superfície articular, mas mostrando a destruição completa da grande tuberosidade.

Úmero de lado indeterminado.

Fragmento muito mutilado, de superfície articular da epífise superior.

Cúbito esquerdo.

Extremidade proximal, com destruição da cavidade sigmóideia e do olecrânio.

Cúbito direito.

Extremidade distal, abrangendo a epífise e porção da diáfise.

Cúbito de lado indeterminado.

Reconheceram-se quatro fragmentos da diáfise, muito destruídos, possivelmente compatíveis com o mesmo indivíduo.

Rádio direito.

Extremidade proximal, com múltiplas mutilações nas superfícies laterais da epífise.

Metatarsos.

Foram identificados o primeiro da mão direita, o terço inferior de terceiro, de dedo e lado indeterminados, e diáfise, muito destruída, com mutilação das epífises, também de dedo e lado indeterminados.

Membros inferiores*Coxal esquerdo (?)*

Porção de ísquion, abrangendo o bordo inferior do buraco obturado.

Coxal direito

Fragmento de ísquion, apresentando mutilação do ramo ísquio-pubiano e a cavidade cotiloideia. O seu estado não permite determinar o sexo.

Coxal de lado indeterminado

Porção de cavidade cotiloideia, muito mutilada.

Fémur esquerdo (?)

Porção da diáfise, abrangendo parte da linha áspera e do orifício nutritivo, com diversas alterações do perióstio, devidas a factores tafonómicos.

Fémur direito

Porção superior da diáfise, compatível com o anteriormente descrito, abrangendo parte da linha áspera, com rugosidades musculares, e porção do pequeno trocanter. Apresenta 25 mm de diâmetro ântero-posterior e 30 mm de diâmetro transversal. O índice de plati-meria é de 83.3.

Fémur de lado indeterminado

Sete fragmentos da diáfise e porção de superfície articular da epífise superior, de indivíduo adulto.

Tíbia direita (?)

Fragmento da epífise superior, abrangendo a cavidade glenóide externa e parte da espinha intercôndilar.

Tíbia de lado indeterminado

Fragmento mesial da diáfise.

Perónio de lado indeterminado

Dois fragmentos da diáfise.

Ossos longos indeterminados

Oito esquirolas.

9.2.1.4. Comentário

O espólio descrito corresponde a indivíduo adulto, possivelmente com mais de vinte e cinco anos de idade, de acordo com o nível de sinostização das suturas cranianas. O grau de destruição dos ossos da cabeça não permitiu seguir metodologia mais precisa, como a de Meindl e Lovejoy (Ubelaker, 1996, p. 83). Tendo em conta as características verificadas no temporal e nos fragmentos de fémur, os restos chegados até nós poderão corresponder a indivíduo do sexo masculino.

Foram ainda determinados, na porção antero-lateral externa dos tectos das órbitas, sinais de hiperostose esponjosa orbital, geralmente designada por *cribra orbitalis*, e osteofitose de grau 1-2, da escala de Stewart (Ubelaker, 1996, p. 85) no bordo inferior de corpo de vértebra dorsal.

Verificou-se a existência de platimeria, que pode estar relacionada com condições patológicas, como a osteoartrite e a osteoperiostose, com esforço físico em excesso durante a infância e pré-adolescência, ou com deficiência alimentar em cálcio e vitaminas.

Regista-se, igualmente, tendência para a platimeria ser mais frequente no fémur esquerdo que no direito.

A *cribra orbitalis* e a hiperostose porótica, encontram-se geralmente associadas a situações de anemia ferropriva, resultantes de dietas alimentares carenciadas em ferro ou a precárias condições de higiene. Esta patologia foi muito frequente entre as populações medievais europeias, tendo maior incidência na infância e adolescência.

9.2.2. Inumação 2 (Fig. 20)

9.2.2.1. Ossos da cabeça

Fragmentos pertencentes a indivíduo adulto, com espesso diploé.

Frontal.

Fragmento da arcada orbitária, em avançado estado de destruição e sem alterações patológicas.

Parietal direito (?).

Fragmento apresentando a sutura sagital, de forma labiríntica, já consolidada.

9.2.2.2. Ossos dos membros

Membros superiores

Úmero direito.

Terço inferior de indivíduo adulto, com destruição completa da epífise distal.

Membros inferiores

Fémur de lado indeterminado.

Fragmento da diáfise, contendo o orifício nutritivo e parte da linha áspera. Esta é pouco saliente e não apresenta rugosidades musculares, pelo que, possivelmente, pertenceu a indivíduo do sexo feminino.

9.2.2.3. Comentário

O reduzido espólio disponível e o seu avançado estado de destruição permitiu, apenas, concluir que, possivelmente, corresponderia a indivíduo adulto, do sexo feminino. Não se identificaram patologias, nem causas de morte.

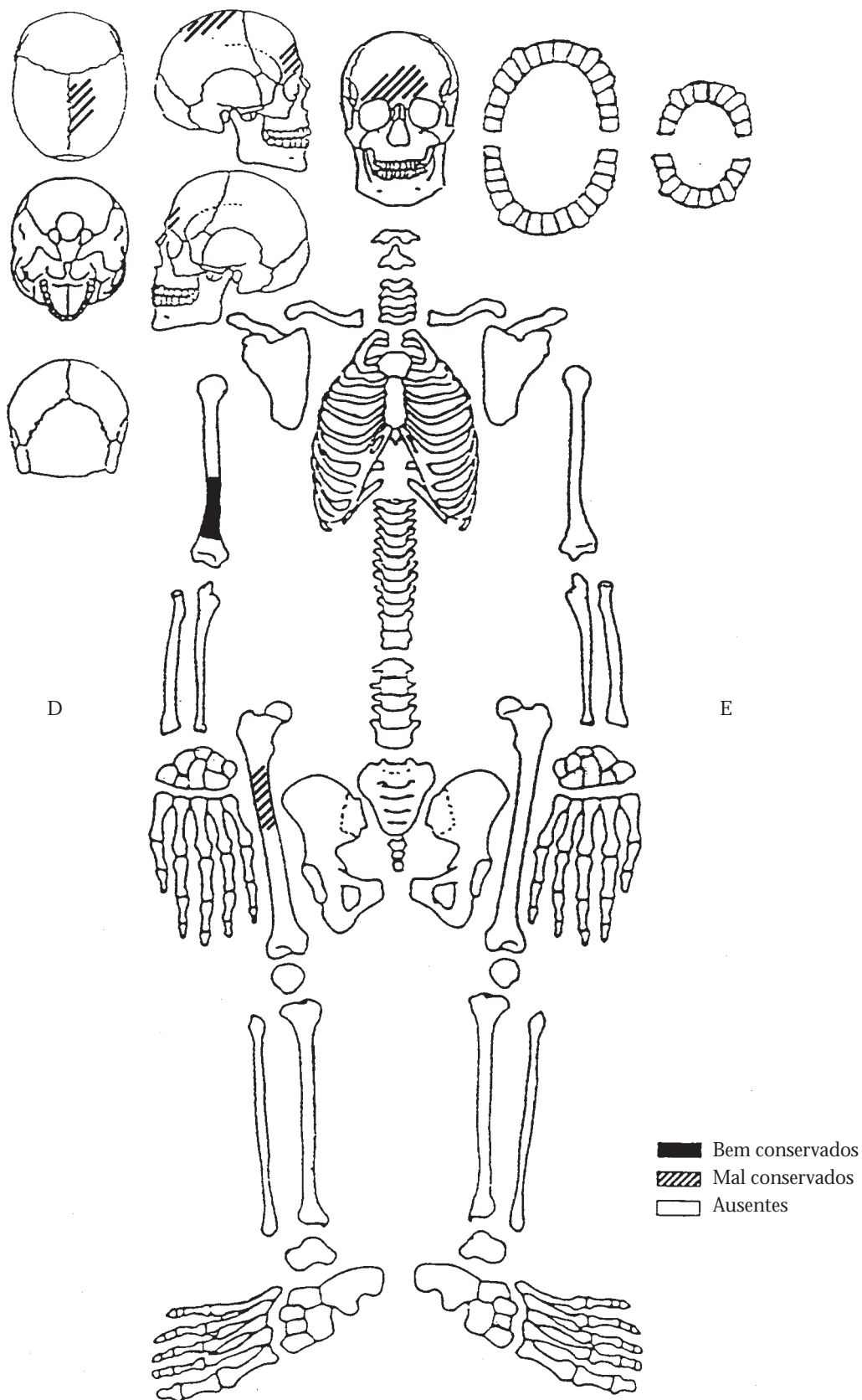


Fig. 20 Espólio osteológico correspondente à inumação 2 da sepultura 2 (seg. L. C. Paulo).

9.2.3. Inumação 3

9.2.3.1. Ossos da cabeça

Parietal.

Dois fragmentos, com fino diploé, medindo 2 a 3 mm de espessura, correspondendo, por certo, a criança.

9.2.3.2. Ossos dos membros

Membros superiores

Úmero (?).

Fragmento em avançado estado de destruição, abrangendo parte do terço inferior da diáfise e apresentando porção superior da cavidade olicraniana.

9.2.3.3. Comentário

Os poucos testemunhos conservados, permitem-nos, apenas, afirmar tratar-se de restos de criança, de sexo e idade indeterminados.

9.3. Sepultura 4

Encontrava-se quase sem terra.

Fragmento de osso longo indeterminado.

9.4. Sepultura 5

Conservava, ainda, delgado depósito de terra compacta e, segundo julgamos, alguns ossos *in situ*.

9.4.1. Ossos dos membros

Membros superiores

Úmero (?).

Pequeno fragmento mesial da diáfise, de lado indeterminado.

Cúbito (?).

Pequeno fragmento mesial da diáfise, de lado indeterminado, com mutilação completa das epífises.

Metacarpo (?).

Fragmento mesial da diáfise, abrangendo porção da epífise superior, de lado indeterminado.

Membros inferiores*Rótula esquerda.*

Fragmento apresentando destruição completa da metade superior, de indivíduo adulto. Esta observação esteia-se no facto da ossificação completa da rótula se verificar entre os quinze e os vinte anos de idade (Testut e Latarjet, 1944, p. 431).

Ossos longos

Dois fragmentos de esquirolas, sendo um deles, possivelmente, de perónio.

9.5. Sepultura 7**9.5.1. Ossos da cabeça**

Esta sepultura continha bastante terra, tendo-se detectado, no fundo, alguns fragmentos de ossos, possivelmente *in situ*, assim como nas terras envolventes.

Dente 28

Apresenta ligeiro desgaste de atrição na região mesial da superfície oclusal, com exposição de dentina. Evidencia hipoplasias lineares do esmalte na face bucal. O nível de formação e as facetas de atrição dentária são compatíveis com indivíduo com idade compreendida entre vinte e cinco e trinta anos.

Dimensões: Ânt.- posterior – 11 mm | Transversal – 9 mm | Altura – 7 mm

9.5.2. Ossos dos membros**Membros inferiores***Tíbia.*

Fragmento da face externa da região proximal da diáfise, de lado indeterminado.

Tíbia direita (?).

Fragmento da face interna da região proximal da diáfise.

Ossos longos.

Quarenta e três esquirolas.

9.6. Vala correspondente às sepulturas removidas pelo P.^e Semedo Azevedo.**9.6.1. Ossos dos membros****Membros superiores***Omplata (?).*

Fragmento muito destruído, possivelmente do bordo superior, de lado indeterminado.

Omoplata (?)

Fragmento muito destruído, possivelmente do bordo anterior ou axilar, de lado indeterminado.

Cúbito (?)

Fragmento muito destruído, da região mesial da diáfise, de lado indeterminado.

Membros inferiores*Fémur direito*

Fragmento da epífise superior, abrangendo a cabeça e o colo. Apresenta destruição completa do grande trocanter e diversas mutilações ao nível da cabeça. Esta mostra sinostização, com apagamento da linha diáfiso-epifisial, sendo compatível com indivíduo adulto, com mais de 18 anos, segundo a tabela de Ubelaker (1996).

O grau de destruição referido não permite determinar valores osteométricos, nem identificar patologias.

Ossos longos indeterminados

Quatro esquirolas.

10. Arquitectura

Não são muito comuns, no Sul de Portugal, as necrópoles visigóticas que tenham oferecido informações de carácter histórico-arqueológico, dado que a maioria constitui achados fortuitos ou não foi explorada segundo metodologias modernas, sendo ainda mais raros os cemitérios, daquela época, cujas sepulturas foram escavadas na rocha.

Apesar de desconhecermos as observações efectuadas por Maria Elisa Gomes e pelo P.^o Semedo Azevedo, durante a escavação da necrópole do Poço dos Mouros, os materiais guardados por aquele último e, não obstante, as vicissitudes por que passaram, constituem, ainda, importante fonte de esclarecimento para o estudo de um período mal conhecido da Alta Idade Média, tanto do Algarve como da Península Ibérica.

As necrópoles escavadas na rocha, ou seja, cuja câmara funerária, com planta de forma rectangular, trapezoidal ou ovalada, em fossa, correspondendo à inumação de corpo estendido ou, mais raramente, de dois, e guardando ainda algum outro espólio, são conhecidas no Sul de Portugal, pelo menos, desde a Idade do Ferro. Durante a Idade do Bronze os corpos eram, por vezes, também depositados em fossas escavadas na substrato rochoso, mas na posição contraída.

Aquele aspecto do ritual funerário perviveu até aos séculos XIV-XV, conhecendo-se, no Barlavento Algarvio, não poucas necrópoles com sepulturas rupestres, por vezes associando algumas dezenas, como acontece nos arredores de Silves e Portimão, onde registámos diversos de tais cemitérios.

Ainda no Sul de Portugal, mas no Alto Alentejo, mais precisamente em Monsaraz, investigámos, há anos, sector da necrópole do Arrabalde ou de São Bartolomeu, com quarenta e sete sepulturas escavadas nos xistos do substrato que ali aflorava, embora se estime que a mesma necrópole integresse mais de uma centena de tais túmulos. Os poucos materiais arqueológicos ali exumados e datação pelo radiocarbono (ICEN-1162), de um dos esqueletos encontrados, indicam cronologia dos séculos XIII-XIV, confirmando-se, portanto, tal prática até à Idade Tardo-Medieval.

A ausência de câmaras funerárias edificadas, sendo aquelas escavadas no substrato rochoso, encontra paralelos em diversas necrópoles visigóticas, como na de Camino de los Afligidos, de Alcalá de Henares (Madrid). Neste cemitério, onde se identificaram noventa e cinco sepulturas, pelo menos 9% correspondiam a fossas escavadas no solo, cobertas por terra, e 10% a fossas protegidas por lajes ou grandes seixos de quartzito. Todavia, é possível que em algumas das fossas os cadáveres tenham sido depositados em esquifes, de madeira, dadas as dimensões daquelas e o aparecimento de pregos de ferro, o que, certamente, não acontecia na necrópole algarvia em estudo (Fernández-Galiano, 1976; Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1981, p. 110).

A extensa necrópole de El Carpio del Tajo (Toledo) mostrava todas as sepulturas escavadas no substrato arenítico, embora algumas delas pudessem ter recebido esquifes de madeira e outros elementos, formando as paredes ou a cobertura, de madeira, pedra ou cerâmica (Ripoll, 1985, 23).

Também na grande necrópole de Cacerá de las Ranas (Aranjuez, Madrid), onde foram escavadas cerca de centena e meia de sepulturas, mas se estima a sua totalidade no dobro daquele número, reconheceram-se trinta e sete câmaras abertas no solo e desprovidas de qualquer estrutura pétreá (24,66%) (Ardanaz Arranz, 2000, p. 224).

A vasta necrópole paleocristã de Vega del Mar (Marbella) ofereceu, pelo menos, duas sepulturas (28 e 31) em fossa, sem qualquer revestimento (Posac e Puertas, 1989, mapa 2), tendo-se, de igual modo, encontrado enterramentos em fossas escavadas no solo, na necrópole correspondente à basílica de Gerena (Sevilha), erguida provavelmente nos inícios do século V, mas tendo pervivido até aos alvares do século VIII (Fernández Gómez, Sierra Fernández e Lasso de la Vega, 1987, p. 191).

Na orientação das sepulturas da necrópole do Poço dos Mouros predomina a direcção sudoeste-nordeste, confirmada por quatro delas que se conservam, que se associariam às duas removidas pelo P.^e Semedo Azevedo, conforme se depreende pela forma e dimensões da fossa de onde as retirou. Duas sepulturas encontram-se orientadas segundo a direcção este-oeste. As cabeças dos indivíduos inumados encontravam-se, portanto, dirigidas para Sudoeste ou para Oeste.

De igual modo, na necrópole de El Carpio del Tajo, as quase três centenas de sepulturas foram orientadas no sentido oeste-este, seguindo o ritual romano-cristão e não o germânico, que privilegiava a disposição norte-sul (Ripoll, 1985, p. 21).

Em Gerena foi identificado apenas um túmulo orientado norte-sul, tendo a cabeça do cadáver sido colocada naquela primeira direcção. Esta mesma orientação, das sepulturas e dos cadáveres, foi registada em necrópoles visigóticas da região de Cartagena (Fernández Gómez, Sierra Fernández e Lasso de la Vega, 1987, p. 197). Também na necrópole de Almodóvar del Pinar (Cuenca) encontraram-se sepulturas orientadas norte-sul (Almagro Gorbea, 1970, p. 314; López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 35).

Na Meseta, a necrópole visigótica de Piña de Esgueva (Valladolid) apresentou, pelo menos, oito sepulturas escavadas no solo, orientadas poente-nascente (Villanueva, Tovar e Supiot, 1933).

As mais de duzentas sepulturas da necrópole de Segóbriga (Saelices, Cuenca), onde se encontraram câmaras escavadas, na terra ou na rocha do substrato, revestidas ou não por blocos pétreos, apresentavam maioritariamente orientação oeste-este, com a cabeça dos defuntos dirigida para poente, embora algumas estivessem dispostas no sentido noroeste-sudeste e, até, norte-sul (Almagro, 1975, p. 111).

Refira-se, ainda, a título de paralelo, que apenas uma das sepulturas da necrópole de Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares) não tinha o eixo maior orientado no sentido sudoeste-nordeste e que, no cemitério de Cacerá de las Ranas, 53,43% das sepulturas estavam orientadas nascente-poente e 46,56% no sentido nordeste-sudoeste, com as cabeceiras respectivamente a poente e a sudoeste (Fernández-Galiano, 1956). F. Ardanaz Arranz (2000, p. 135) atribuiu, através da

localização e, sobretudo, dos espólios exumados, aquelas primeiras aos séculos V-VI e as segundas aos séculos VII-VIII.

Necrópoles do mesmo período, dos arredores de Cascais, estudadas nos finais do século XIX por Francisco de Paula e Oliveira (1888-1892), evidenciaram a mesma orientação. Assim, no cemitério do Alto da Peça, próximo de Alcoitão, trinta e quatro sepulturas, estruturadas e cobertas por lajes, orientadas poente-nascente, integravam sete filas, a mais extensa das quais com sete sepulturas. Estas mediam, em média, 1.80 m a 2.20 m de comprimento, existindo uma com 3.00 m e duas apenas com 1.00 m, que correspondiam a enterramentos de crianças (Oliveira, 1888-1892, p. 87). As características enunciadas repetiam-se nas necrópoles da Abuxarda, a norte da povoação, no sítio das Meroeiras, e de Murches (Rossio Pelado).

Naquela primeira, apenas duas sepulturas foram orientadas norte-sul e algumas mostravam as paredes edificadas com tijolos (Oliveira, 1888-1892, p. 88-90).

J. Leite de Vasconcellos (1906, p. 325, 326) foi o primeiro autor a classificar correctamente aqueles testemunhos, conferindo-lhes origem germânica e visigótica (Paço, 1958-59).

Na necrópole de Padrãozinho 1 (Elvas), onde foram exploradas mais de meia centena de sepulturas, formando nove linhas paralelas, a orientação utilizada foi poente-nascente (Viana e Deus, 1955), enquanto no cemitério da Terrugem, na mesma zona, detectaram-se tanto túmulos orientados noroeste-sudeste como nordeste-sudoeste (Viana, 1950).

No sítio da Pedreira, em Rio de Moinhos (Torres Novas), no curso médio do Tejo, foi detectado habitat a que correspondia necrópole de que se escavaram nove sepulturas. Estas, construídas com diversos materiais romanos reaproveitados, encontravam-se orientadas poente-nascente, correspondendo cinco a adultos e três a crianças. O espólio exumado permitiu a sua datação nos séculos V-VI (Ferreira, 1987).

As orientações mencionadas, comuns a muitos outros cemitérios visigóticos, denunciam a crença de que o cadáver deveria ser disposto de modo a que pudesse observar o sol nascente, porventura no solstício de Verão e quando a amplitude do seu “movimento” é maior, assumindo clara conotação com a ideia de renascimento ou ressurreição, conduzindo à vida eterna. A morte era, então, entendida como um intervalo, ou uma passagem, entre duas vidas.

Algumas sepulturas da necrópole sevilhana de Gerena (Fernández Gómez, Sierra Fernández e Lasso de la Vega, 1987) continham restos antropológicos pertencentes a mais de um indivíduo, chegando a reconhecer-se até cinco, aspecto que também, a sepultura 2 do Poço dos Mouros evidenciou, sendo frequente em outros cemitérios da mesma época (Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1981, p. 171, 172).

Em Cacera de las Ranas, cento e onze sepulturas continham restos de cento e oitenta e um indivíduos, o que estatisticamente corresponde a 1,63 corpos por monumento. No mesmo cemitério, as sepulturas contendo apenas os restos de um cadáver totalizavam 61,26%, enquanto as com dois somavam 25,22% e com três 6,31%, chegando a conterem testemunhos de seis indivíduos 0,90% (Ardanaz Arranz, 2000, p. 240).

No cemitério do Alto da Peça (Alcoitão, Cascais), cada sepultura continha, em geral, mais de um enterramento, dois ou três, correspondendo a sucessivas inumações, chegando a haver uma onde se reconheceram restos de cinco indivíduos (Oliveira, 1888-1892, p. 87).

A. Viana (1950, figs 2, 19) encontrou na necrópole da Terrugem (Elvas) duas sepulturas ossuários e em uma delas contou nove crânios. Outra sepultura da mesma necrópole guardava dois esqueletos. O mesmo arqueólogo e A. Dias de Deus identificaram, no cemitério do Padrãozinho 1 (Elvas), sepulturas com restos osteológicos de diversos indivíduos, uma das quais contendo sete crânios (Viana e Deus, 1955).

Aquando de uma nova inumação os ossos existentes nas sepulturas amontoavam-se, a um dos lados ou, mais comumente, aos pés. Por vezes colocava-se o crânio do primeiro enterramento junto ao do recém sepultado, embora em outros casos os ossos dos antigos ocupantes pudessem ser agrupados ou enterrados em fossa no exterior da sepultura e, até, colocados sobre aquela, depois de fechada a câmara funerária.

No cemitério de Cuarte (Zaragoza), uma sepultura guardava restos osteológicos de quatro indivíduos e uma outra conservava sobre a cobertura testemunhos de três (Beltrán, 1979, p. 568).

Os aspectos referidos são recorrentes, tendo sido observados nas necrópoles acima citadas, de Camino de los Afligidos (Méndez Madariaga e Rascon Marques, 1989, p. 172) e Cacara de las Ranas (Ardanaz Arranz, 2000, p. 236), tal como no Algarve, nomeadamente na necrópole do Padrão (Raposeira), no concelho de Vila do Bispo (escavações inéditas do autor).

Câmaras com planta de forma rectangular, mas largas e curtas, conforme parece acontecer com a sepultura 8 da necrópole do Poço dos Mouros, devem corresponder a ossuários ou a pias para lavagem dos corpos. Na necrópole de Las Huertas (Pedrera, Sevilha), foi reconhecida fossa com planta circular, medindo cerca de um metro de diâmetro e meio metro de profundidade, que pode corresponder a funções semelhantes (Fernández Gómez, Oliva Alonso e García de Leániz, 1984, p. 346, fig. 67).

Nem sempre os indivíduos inumados eram cobertos com terra, designadamente quando depositados em sepulturas estruturadas por lajes, telhas ou tijolos.

Podemos considerar normal a quantidade de espólio exumado nas sepulturas da necrópole do Poço dos Mouros, correspondente à cultura material, relativamente ao número de monumentos escavados. De facto, dois recipientes completos e três fragmentos de outros, além do dente fóssil de esqualo, contrasta claramente com o acervo conservado em Camino de los Afligidos, onde, na quase centena de sepulturas investigadas, somente a sepultura 1 guardava espólio cerâmico. Este era constituído por garrafa, provida de duas pequenas asas opostas, semelhante à de Poço dos Mouros, e jarro com bico trilobado, materiais que foram datados no século VII (Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1981, p. 148, 151, fig. 64).

11. Ritual

O principal aspecto do ritual verificado na necrópole visigótica do Poço dos Mouros concerne à prática da inumação, corrente na *Hispania*, pelo menos desde o Baixo Império e, sobretudo, entre as comunidades cristãs.

À inumação associava-se a problemática, anteriormente abordada, da orientação das sepulturas e dos cadáveres.

Os corpos repousavam, vestidos e possivelmente envoltos em sudários, na posição estendida, com as costas assentes no fundo das fossas funerárias (*decubitus supino*).

A pequena dimensão da maioria daquelas não permite pensar na existência de esquifes, sendo, no entanto, mais largas na zona correspondente aos ombros, pelo que, em geral, apresentam planta de forma rectangular ou sub-trapezoidal, com os topos e os cantos encurvados, paredes verticais ou ligeiramente inclinadas para o exterior, sem qualquer reboco, e com fundo plano ou algo côncavo.

Os cadáveres podiam, ou não, ser cobertos por terra e a câmara funerária por uma ou mais lajes e blocos de pedra, formando pequeno *tumulus*.

Uma estreita faixa, constituindo rebaixo aplanado em torno das fossas funerárias, que reconhecemos em algumas das sepulturas, destinava-se, conforme referimos, a receber os elementos de cobertura e a conferir protecção da água.

As sepulturas integradas em necrópoles organizam-se, em geral, em fileiras paralelas, o mesmo acontecendo com as escavadas na rocha. Na necrópole do Poço dos Mouros observam-se três fileiras e encontram-se, conforme antes referimos, orientadas no sentido sudoeste-nordeste ou oeste-este, correspondendo às primeiras direcções indicadas a posição da cabeça dos defuntos.

A necrópole de Santa Marinha, nas proximidades de Castelo de Vide, mostrava dezasseis sepulturas, escavadas no solo e estruturadas por lajes de granito, orientadas poente-nascente e organizadas em três filas. As cerâmicas ali exumadas correspondem a *oenochos*, sendo um deles, com corpo bitroncocónico, afim de uma das peças do Poço dos Mouros (Rodrigues, 1978, p. 12, 13, 65, fig. 10). Na mesma zona, o cemitério da Azinhaga da Boa Morte, era constituído por sete sepulturas com aquela mesma orientação (Rodrigues, 1978, p. 14, 15, 83).

Na necrópole de Las Huertas (Pedrera, Sevilha), as cinquenta e quatro sepulturas identificadas organizavam-se em seis linhas, dispostas norte-sul, enquanto a orientação das câmaras era poente-nascente (Fernández Gómez, Oliva Alonso e García de Leániz, 1984).

A orientação poente-nascente é tida como “tradicional”, dado registar-se na grande maioria das sepulturas, desde o Baixo Império, ou outras dela aproximadas, para que o falecido olhasse o Sol, conforme já referimos, e, tal como ele, viesse um dia a renascer.

A necrópole do Poço dos Mouros apresenta quantidade de sepulturas muito modesta, se comparada com extensos cemitérios, como o de El Carpio del Tajo, onde se contaram 275, com as cerca de três centenas (291) de Duratón (Segóvia) ou de Cacara de las Ranas (Madrid), ricas em objectos metálicos (Moliner, 1948; Ardanaz Arranz, 2000, p. 230) ou, ainda, com as 234 de Segóbriga (Cuenca) (Almagro, 1975; Ripoll, 1995, p. 21).

Os agrupamentos de sepulturas sugerem tratar-se de necrópoles correspondentes a uma mesma comunidade e, quando pouco numerosas, de gente unida por vínculos familiares, correspondendo a pequenos *vici*. Assim se mantinham *post-mortem* aqueles laços, se tentava minimizar os traumas provocados pela morte de entes queridos e se reuniam as famílias até ao esperado dia da ressurreição.

Cálculos que tentam relacionar o número de sepulturas com o de habitantes dos assentamentos correspondentes, permitem determinar, para os oito exemplares do Poço dos Mouros, comunidade com cerca de meia centena a sessenta pessoas (Ardanaz Arranz, 2000, p. 287), valores que consideramos altos, atendendo sobretudo ao reflexo nas necrópoles da elevada mortalidade infantil e juvenil que então se fazia sentir. Assim, atendendo àqueles dados, julgamos que o cemitério em estudo pertenceria a sociedade com, apenas, vinte e cinco a trinta pessoas.

Por vezes uma sepultura de maiores dimensões ocupa o centro da necrópole, ou de um alinhamento de túmulos, sugerindo corresponder não só à inumação de um adulto, mas a um monumento “fundador”, em torno do qual se processam os restantes enterramentos. A sepultura 5 da necrópole do Poço dos Mouros exemplifica esta observação. Estas sepulturas são, também, em geral, as que proporcionam maior número de espólio votivo.

12. Espólio

12.1. As cerâmicas

Os recipientes exumados constituíam embalagens para líquidos, com os quais se processavam libações ou perfumavam os cadáveres, como podem ter tido outra função no seio da ritualogia fúnebre.

Não raro, têm sido identificados restos de animais no interior de sepulturas da mesma época, que terão formado oferendas, para alimentaram o defunto durante a sua viagem para o Reino de Deus, ou restos de refeições rituais, consumidas durante os funerais (Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1989, p. 174).

Todavia, a raridade generalizada dos espólios funerários visigóticos pode reflectir, não só, restrições económicas, como práticas tradicionais, embora em nosso entender se deva, de igual modo, ao cânone LXVIII do II Concílio de Braga, de 572, que impunha a proibição de colocar alimentos nas sepulturas e até de os oferecer a Deus, em honra dos falecidos, aspecto que se tornaria mais evidente durante o século VII (Puertas, 1975, p. 139). Parece, no entanto, contrariar aquela disposição o facto de, reconhecidamente, observar-se maior número de cerâmicas em necrópoles mais tardias.

Não encontramos, nas necrópoles visigóticas conhecidas na Península Ibérica, paralelos para o copo, de produção grosseira, da sepultura do Poço dos Mouros. Contudo, surgem com abundância, naqueles cemitérios, cerâmicas montadas ao torno lento, produzidas com pastas mal depuradas e de paredes espessas, cozidas em ambiente redutor, como acontece no exemplar algarvio, que conserva, ainda, restos de engobe de cor vermelha.

Aquele atributo decorativo e técnico, dado que o engobe confere melhor isolamento ao recipiente, tem vindo a ser identificado em produções peninsulares da Época Visigótica. De facto, em estrato visigótico da área urbana de Silves, exumaram-se fragmentos de painéis, de taça e de frigideira com tal acabamento, completamente ausente nas cerâmicas dos níveis ulteriores (omíadas) (Gomes e Gomes, 2000).

O uso do engobe de cor vermelha registou-se, também, no povoado de El Gatillo de Arriba (Cáceres), com nível de abandono de templo datado no século VIII, ou nos inícios da centúria seguinte, e de onde provêm dois *oenochorae* e duas patenas, de bronze, do século VII (Caballero Zoreda, 1989, p. 83, 95; C.E.V.P.P., 1991, p. 51, 52, 60; Balmaseda Muncharaz e Papí Rodes, 1997, p. 158, 159), no de El Ladrillero (Aroche, Huelva), em pequenas painéis, ou, na mesma região, nos povoados, classificados como tardo-romanos, de Los Benitos e de Las Peñas de Aroche, como, ainda, dos arredores de Badajoz (Casa de Herrera), onde tais produções foram datadas nos séculos VI-VII (Gabaldón, 1989, p. 206, 209, 211, 214).

A garrafa com corpo piriforme, duas asas opostas e cordão junto ao arranque daquelas, integra forma bem conhecida nas principais necrópoles visigóticas peninsulares. Trata-se da forma 12, variante A da tipologia elaborada por Izquierdo-Benito (1977) e afim da forma D-1 de L. Caballero Zoreda (1989, p. 98), para as cerâmicas visigóticas.

Aquela forma derivaria, segundo os autores citados, da forma 28 da sistematização de Rigoir, elaborada para as cerâmicas paleocristãs do século IV, da forma 11 de Lamboglia, para a *sigillata* clara A, ou, ainda, das formas IX e X de Salomonson, da cerâmica tardo-romana norte africana (clara A/C, do séc. III) (Izquierdo-Benito, 1977; Fernández Gómez, Sierra Fernández e Lasso de la Vega, 1987, p. 196; Caballero Zoreda, 1971, p. 238, 1989, p. 98; López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 43).

No Algarve, foi encontrada garrafa com duas asas em cemitério dos arredores de Tavira, que guarda o Museu Nacional de Arqueologia, talvez procedente de escavações de Estácio da Veiga.

Jarras com a mesma forma, embora com diversas variantes, são bem conhecidas em necrópoles de Pamplona (Mesquíriz, 1965, p. 115, 118), Valladolid (Castiltierra, Piña de Esgueva) (Villanueva, Tovar e Supiot, 1933, p. 261, est. XIV; Nieto, 1943, p. 217, est. LXXI), Cuenca (Cañavete, El Cebadal, Belmonte, Almodóvar del Pinar, Belmontejo, Olmedilla del Alarcón) (Almagro Gorbea, 1970, p. 322, fig. 7; López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 44), Alcalá de Henares (Camino de los Afligidos, sep. 1 e lixeira anexa à necrópole) (Fernández Galiano, 1976, p. 71; Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1989, p. 148, fig. 64), Madrid (Cerro de las Losas, Espartal) (Alonso Sánchez, 1976, p. 307, fig. 13), Cáceres (El Gatillo, Casa Herrera) (Caballero Zoreda e Ulbert, 1975, p. 230, Fig. 63, est. XXXVIII-E; Caballero Zoreda, 1989), ainda na província de Málaga (Vega del Mar, Marbella) (Posac e Puertas, 1989, p. 104, fig. 3-10) ou nos arredores de Sevilha, onde na necrópole de Gerena foram exumados cinco exemplares, correspondendo a 12,7% do total das cerâmicas recuperadas.

Na sepultura 24 daquele cemitério dos arredores de Sevilha, a garrafa com duas asas acompanhava pequeno jarro com corpo piriforme, boca circular e uma asa, semelhante a exemplar encontrado em sepultura de Alte e que guarda o Museu Municipal de Loulé (Fig. 21), assim como anel e placa de fecho de cinturão datável do século VII (Fig. 22). Os jarrinhos piriformes, com boca circular e uma asa, são muito abundantes na necrópole de Gerena, somando 48,2% do total das cerâmicas ali exumadas (Fernández Gómez, Sierra Fernández e Lasso de la Vega, 1987, p. 150, 193, 194).

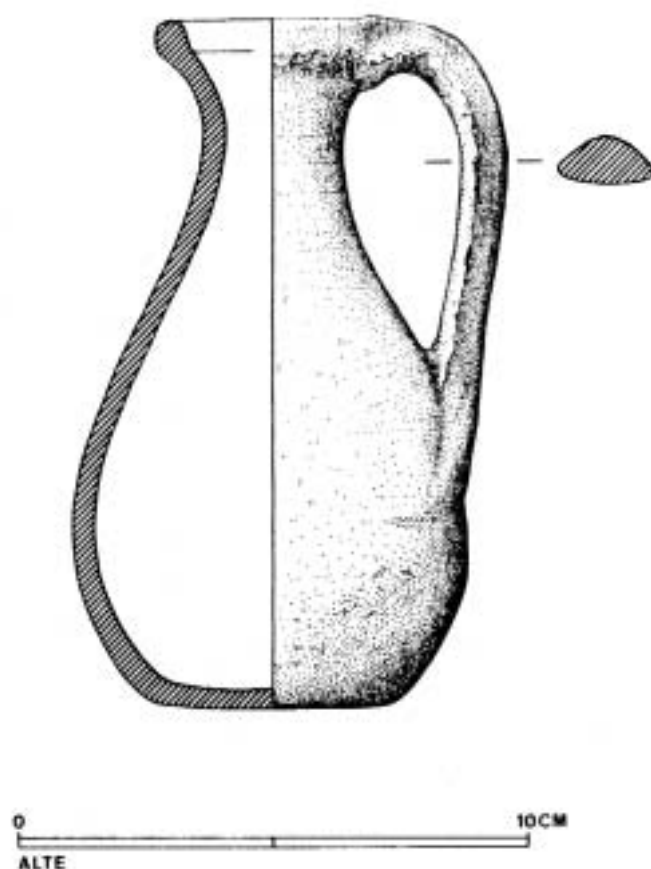


Fig. 21 Pequeno jarro encontrado em sepultura de Alte (des. C. Gaspar).

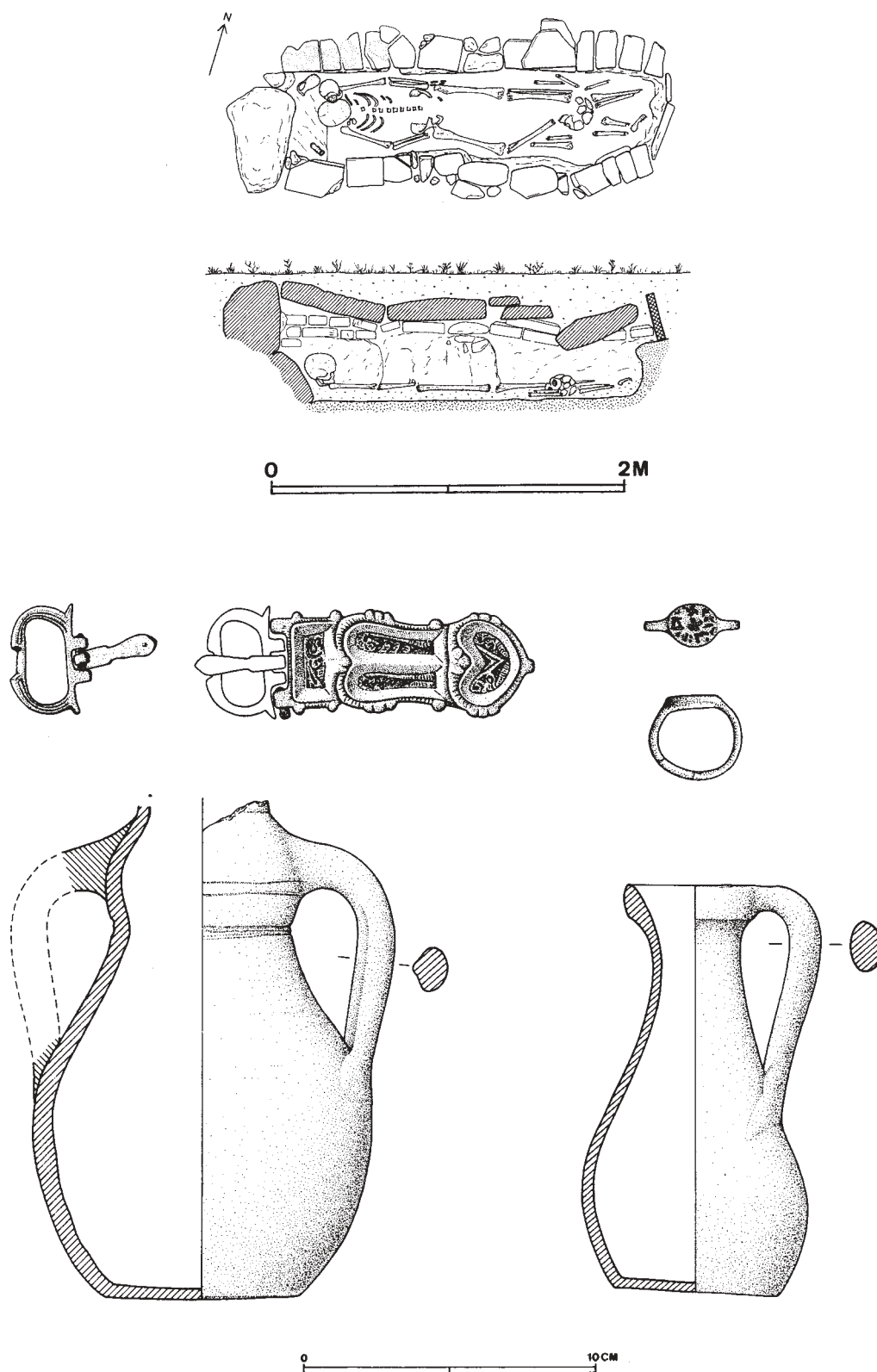


Fig. 22 Planta, alçado e espólio da sepultura 24 da necrópole de Gerena (Sevilha) (seg. F. Fernández Gómez, J. A. de la Sierra Fernández e M. G. Lasso de la Vega, 1987, p. 149, 150, figs 53-55).

A maioria dos recipientes referidos puderam ser atribuídos ao século VII e apenas o de El Gatillo foi datado entre 711 e o século X (Caballero Zoreda, 1989, p. 83).

Os três exemplares oferecidos pela necrópole de Pamplona foram classificados nos séculos VI-VII, dado se terem exumado fechos de cinturão e outros artefactos metálicos com tal cronologia, a par de dois trientes cunhados no reinado de Suintila e, portanto, daquela última centúria (Mezquíriz, 1965, p. 111).

Um dos dois fragmentos de cerâmica que se conservam, das escavações do P.^o Semedo Azevedo, foi por nós atribuído a jarro, de corpo esférico achatado, algo carenado, provido de asa, com fundo ligeiramente convexo e oferecendo dois cordões a meio do corpo.

Aquele recipiente corresponde à forma 12, variante B, de Izquierdo-Benito (1977, p. 851, 852), pouco comum, mas melhor conhecida na Andaluzia, podendo ser, igualmente, datada no século VII.

Além do exemplar agora dado a conhecer, são referidos outros, não andaluzes, em Castil-tierra (Benito, 1977, p. 851) e La Dehesa de la Casa, em Cuenca (López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 44, 45, 70, 71, 90) (Fig. 23).

As peças da última jazida oferecem estreitas afinidades com o exemplar do Poço dos Mouros, também com corpo de tendência bitroncocónica e fundo convexo, embora tenham sido produzidas ao torno lento, com pastas pior depuradas e de cor cinzenta ou castanha, por vezes mostrando as superfícies cobertas por engobe cor-de-laranja.

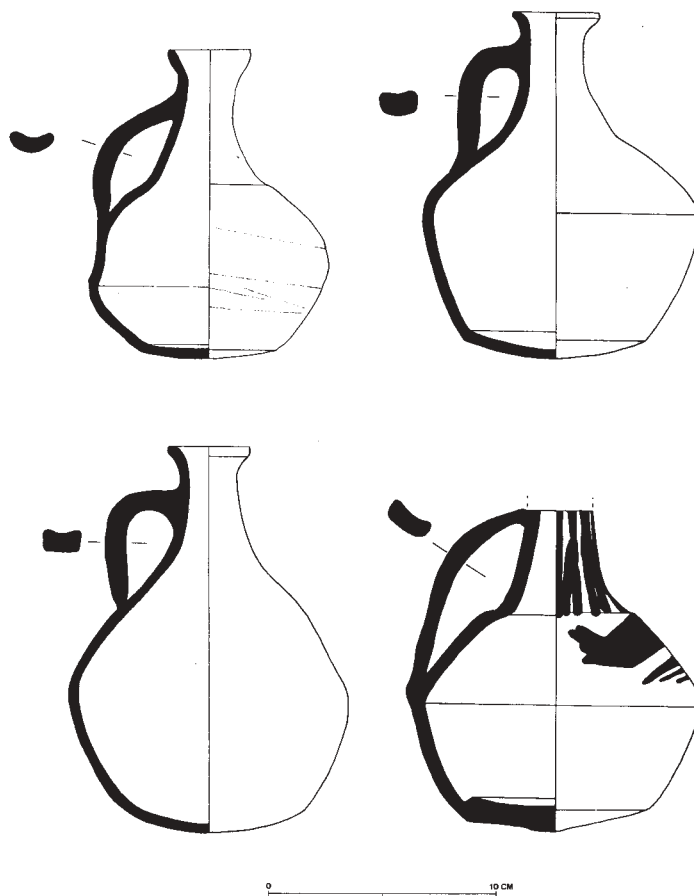


Fig. 23 Jarros com corpo bitroncocónico da necrópole de la Dehesa de la Casa (Cuenca) (seg. López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 69-71, 90).

12.2. O dente fóssil

Não são raros os fósseis encontrados em contextos arqueológicos europeus, sabendo-se que tais testemunhos foram “coleccionados”, pelo menos, desde o Paleolítico Médio às Idades dos Metais.

Conhecem-se, para o território hoje nacional, ocorrências de fósseis em diversas jazidas pré-históricas, nomeadamente de equinodermes (Serrão e Vicente, 1980, p. 34) mas, sobretudo, de dentes de tubarões miocénicos (Cardoso e Antunes, 1995).

Entre aqueles últimos, o maior número provém de arqueossítios tardo-neolíticos e calcolíticos algarvios, identificados no passado século por Estácio da Veiga.

De facto, na necrópole “em silo” de Aljezur, exumaram-se dentes de *Galeocerdo aduncus* Agassiz, *Hemipristis serra* Agassiz, *Carcharocles megalodon* (Agassiz) e de *Isurus hastalis* (Agassiz), no sepulcro megalítico de Nora (Cacela). Também dentes de tubarão, de espécie não determinada, foram encontrados na gruta da Sinceira, nos arredores de Aljezur (Veiga, 1886, p. 151-153, 262, est. D; Cardoso e Antunes, 1995, p. 200-203).

No povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), recolheram, A. do Paço e E. Jalhay, dois dentes de tubarão fossilizados, de cor negra, procedentes de jazida geologicamente estranha ao local, por ora inéditos e que conserva o Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Do mesmo arqueossítio provém larga colecção de porções de crinóides fósseis.

A sepultura da necrópole, da Idade do Bronze, de Vale de Carvalho (Alcácer do Sal), continha cinco dentes de tubarão miocénico (*Carcharias taurus*, Rafinesque), tendo-se, ainda, identificado dentes de esqualos miocénicos no povoado calcolítico de Leceia (Oeiras) (Cardoso e Antunes, 1995, p. 203-208).

Tais presenças, em contextos antrópicos e por vezes longe das formações geológicas que as poderiam guardar, explicam-se devido às formas de tais fósseis e à sua reconhecida antiguidade, pelo que, tendo pertencido a seres extintos, poderiam auferir de carácter mágico e, quiçá, profiláctico ou apotropaico. O interesse pela morfologia, matéria-prima, textura, cor e brilho, oferecidos por determinados fósseis, ascende, pelo menos, ao Paleolítico Médio, quando foram recolhidos e, até, transformados em adereços, alguns exemplares, provavelmente auferindo já de carácter mágico-religioso. Todavia, foi encontrado, nos finais do século XIX, dente de tubarão fóssil, em nível acheulense de Stoke Newington (Londres) (Oakley, 1975, p. 16).

Aquele comportamento perviveu durante o Paleolítico Superior, sendo conhecidas tais ocorrências em mais de uma dúzia de arqueossítios da Europa, e em épocas ulteriores, até à actualidade. Alguns dos dentes de tubarão, provindos de jazidas paleolíticas, oferecem perfuração e, pelo menos, um exemplar procede de cerca de centena e meia de quilómetros do local onde foi recolhido (Tuc d'Audobert, Ariège) (Oakley, 1975, p. 16, 17).

Dentes fossilizados de tubarões terciários foram perfurados e encontrados em assentamento neolítico de Fayyum, no Egipto. Ainda da mesma região, provém de Maadi (Cairo), onde integrava contexto datado em cerca de 3100 a.C., dente fóssil de tubarão do Eocénico Médio, igualmente perfurado, tendo servido como adereço ou amuleto. E amuletos do mesmo tipo foram frequentes durante os tempos dinásticos do Egipto (Oakley, 1975, p. 17; Mayor, 2000, p. 175).

Oleiros que trabalharam em Malta, desde meados do III milénio a.C. e até meados do milénio seguinte, utilizaram dentes de tubarões gigantes do Miocénico (*Carcharodon megalodon*) para elaborar decorações, impressas e incisadas, nas cerâmicas que produziram (Mayor, 2000, p. 172), possivelmente ainda em âmbito sócio-religioso.

Interessante texto de Luis Siret (1922) trata, na esteira de trabalho de Georges Cuvier, da importância dos fósseis na criação de aspectos míticos, tanto no mundo egípcio como greco-romano, nomeadamente em relação ao surgimento das primeiras espécies, aos primórdios da Natureza, à aparição de seres monstruosos, onde se inspiraram, entre outros, Hesíodo e Lucrecio, ou de fenómenos como o Dilúvio Universal (Mayor, 2000, p. 5).

Leite de Vasconcellos (1897, p. 120-135) dedicou sub-capítulo do volume I, da sua magistral obra “*Religiões da Lusitania*”, aos “*amuletos constituídos por dentes*”, referindo as muitas crenças que integravam tais elementos entre os Romanos, mas também entre populações modernas de diferentes regiões da Europa. E cita trabalho apresentado ao congresso de Bolonha, em 1873, onde se relatou o facto de, na zona de Nápoles, dentes fósseis serem usados como amuletos e designadamente por crianças, dependurados ao pescoço, tendo em vista protegerem-nas contra o mau olhado.

O mesmo autor (1897, p. 128, n. 5) refere, ainda, dentes de tubarão, ao que parece fósseis, encontrados nas sepulturas da Idade do Bronze de El Argar, no Sudoeste de Espanha e na Cueva de los Toyos, na mesma região, e que bem enquadram os exumados no cemitério, da mesma idade, de Vale de Carvalho, acima mencionado. Também regista que, “*no Sul*”, os dentes de tubarão, certamente fossilizados, “*são tidos como pedras de raio*”, e, portanto, considerados como amuletos apotropaicos, tendo obtido um perto de Cacilhas, provavelmente oriundo das formações miocénicas que ali ocorrem.

O *Museo del Pueblo Español*, de Madrid, guarda dente fóssil de tubarão, engastado de modo a poder ser usado dependurado (n.º 1768), possivelmente com as funções acima mencionadas. Também pendente etrusco de Ascoli (Piceno), datado no século VI a.C., é formado por dente fóssil de tubarão miocénico, ricamente engastado em filigrana de ouro (Mayor, 2000, p. 171).

Na obra “*De Rerum Fossilium*” (*Sobre os Objectos Fósseis*), da autoria de Conrad Gesner e publicada em 1565, considerada por muitos como o primeiro trabalho moderno sobre Paleontologia, são referidas as *glossopetrae* ou línguas de pedra, encontradas no seio de algumas rochas e, por certo, dentes fósseis de tubarões.

Tais fósseis foram intensamente explorados em Malta, entre o século XV e o XVII, sendo então conhecidos por “línguas de São Paulo”, tendo em vista servirem, nas mesas das elites europeias, como antídoto contra venenos possivelmente existentes nas bebidas, então servidas, onde eram mergulhados.

Aliás, um saleiro de prata dourada, produzido na Alemanha nos inícios do século XV e hoje na *Schatzkammer des Deutschen Ordens de Vieira*, encontra-se decorado com ramo de coral e ostenta, dependurados, treze dentes fósseis de tubarão ou “línguas de serpente”, como então eram designados (Gschwend, 1996, p. 98).

Um “*languier*”, representando a “árvore de Jessé”, da *Staatliche Kunstsammlungen*, de Dresden, produzido em Nuremberga e datado de cerca de 1500, mostra enorme dente fóssil de *Charcharodon megalodon* e outros pequenos dentes de tubarão, encastrados em prata dourada e pendentes, que foram utilizados como antídotos.

O *Metropolitan Museum of Art*, de Nova Iorque, conserva pintura de Petrus Christus, datada de 1449 e intitulada “São Elígio como ourives”, onde se observam duas “línguas de dragão”, engastadas em ouro, demonstrando a grande difusão de tais amuletos.

Em 1522, o rei D. Manuel I guardava uma “língua de escorpião”, engastada em ouro, e Catarina de Áustria possuía duas, uma das quais havia sido pertença do Bispo de Coimbra, tendo sido adquirida em 1550.

As “línguas mágicas”, “de serpente”, “de escorpião” ou “dentes de dragão”, como também foram denominados aqueles fósseis, eram tidos como fortes talismãs, embora tenham sido principalmente utilizados como antídotos contra venenos.

Constituem importantes paralelos para o dente fóssil de tubarão da necrópole do Poço dos Mouros, os encontrados nas sepulturas, da mesma época, da não muito distante necrópole da Retorta-Vale de Carro, onde integravam as “*sepulturas grandes*” (Ferreira e Castro, 1948, p. 8).

Os dentes representam, em geral, apesar do seu pequeno tamanho, força e agressividade, mas também a perfeição, sendo capazes de esmagarem e dividirem os alimentos. Na mitologia grega, dos “dentes do dragão” nasceriam os “homens de ferro”, combatentes incansáveis pelos seus ideais de liderança (Chevalier e Gheerbrant, 1997, p. 258, 259).

Foi a substância dos dentes fósseis (fosfato de cálcio=apatite), a sua cor e brilho, como a sua reconhecida muita antiguidade, que se pensava remontar às origens do Mundo, mas também a sua forma resistente e ponteguda, capaz de afastar os espíritos maléficos, que os tornaram em objectos de virtude. Eles foram tidos como contendo propriedades maravilhosas e capazes de proporcionarem, aos homens, protecção contra o mal, acreditando-se, especificamente, constituírem antídotos contra venenos, nomeadamente mordeduras de cobra, e de possuírem propriedades terapêuticas.

Outros fósseis, como os de equinodermes, foram também considerados como contendo aquelas propriedades, registando-se a sua presença em cerca de centena e meia de arqueossítios europeus, do Paleolítico Antigo à Alta Idade Média, muitos deles encontrados em sepulturas, continuando a usar-se, como amuletos, entre diversas populações actuais (Demnard e Néreau-deau, 2001).

13. Testemunhos antropológicos

Às oito sepulturas identificadas no sítio do Poço dos Mouros corresponderam, pelo menos, onze indivíduos. Recordemos que, embora as sepulturas 3, 6 e 8 não tivessem oferecido restos osteológicos humanos, a sepultura 1 guardava restos de uma pessoa e a 2 continha espólio pertencente a três indivíduos.

Na sepultura 1, os testemunhos de indivíduo, com idade superior a dezoito anos, terão ali sido colocados secundariamente, dadas as pequenas dimensões da fossa funerária, medindo apenas 1,05 m de comprimento. Esta seria destinada a criança.

O estado de conservação do material osteológico, apresentando acentuado grau de fragmentação, não permitiu, na maioria dos casos, a diagnose sexual, determinar maior número de patologias e possíveis causas de morte. Também as idades determinadas são sempre aproximadas e, por vezes, com parâmetros largos.

Por outro lado, a escassez do espólio pertencente à cultura material também não conduziu à melhor definição do sexo ou da idade dos inumados.

Para as sepulturas que não ofereceram espólio antropológico, o comprimento das mesmas pode oferecer-nos indicações sobre a idade dos cadáveres. Para tal podemos recorrer às tabelas de Quételet, que relacionam a idade com a estatura e o peso (Neves, 1930, p. 198). Assim, considerando que a estatura da população inumada na necrópole em estudo seria aproximada da população portuguesa actual, ao comprimento de 1,04 m, verificado para a sepultura 6 corresponderá indivíduo com cinco a seis anos de idade, tanto de sexo masculino como feminino. O mesmo aconteceria para a sepultura 1.

A sepultura 8, com 1,20 m de comprimento, poderia guardar cadáver de indivíduo com oito ou nove anos, correspondendo a primeira idade no caso de tratar-se de indivíduo do sexo masculino e a segunda se fosse do sexo feminino, dado que neste as estaturas são, em geral, menores.

A sepultura 3, medindo 1,63 m de comprimento, poderá ter contido mulher com mais de dezoito anos ou homem com menos de dezasseis anos.

As dimensões das restantes sepulturas condizem com as possíveis estaturas correspondentes às idades determinadas através dos restos antropológicos, salvo o caso acima mencionado (sep. 1, inum. 2) (cf. Quadro I).

Quadro I. Principais características das sepulturas da necrópole do Poço dos Mouros (Alcantarilha, Silves) e do espólio que continham.

	<i>Forma</i>	<i>Orient.</i>	<i>dimens. (m)</i>	<i>cerâmica</i>	<i>outro</i>	<i>espólio ost.</i>	<i>idade (aprox.)</i>
Sepultura 1	rectang.	SO-NE ?	1,05 x 0,30 x 0,40	●●		●	6; +18 ?
Sepultura 2	rectang.	SO-NE ?	1,80 x 0,50 x 0,60	●●	●	●●●	-14; +18; +25;
Sepultura 3	trapez.	O-E	1,63 x 0,30 x 0,30				-16 ou +18
Sepultura 4	oval	SO-NE	0,98 x 0,29 x 0,33			●	4 ou 5
Sepultura 5	rectang.	SO-NE	1,98 x 0,36 x 0,45			●	+18
Sepultura 6	trapez.	SO-NE	1,04 x 0,23 x 0,31	●			5 ou 6
Sepultura 7	trapez.	SO-NE	1,91 x 0,42 x 0,30			●	+25
Sepultura 8	rectang.	O-E	1,20 x 0,50 x 0,38				8 ou 9

Podemos concluir, com as reservas que a metodologia aplicada aconselha e dadas as limitações reconhecidas, que a população inumada na necrópole do Poço dos Mouros era constituída por quatro indivíduos com idades compreendidas entre os quatro e os nove anos, um com idade entre os dez e os catorze, sendo os restantes seis de idade adulta. Estes, para os casos de que dispomos de testemunhos osteológicos, correspondem a adultos jovens.

Constata-se que mais de metade dos inumados seriam adultos (54,55%), ocorrendo notável percentagem de mortes dos quatro aos seis anos (27,27%) e duas entre os oito e os catorze anos (18,18%).

O estudo antropológico dos restos humanos procedentes da necrópole visigótica da Silveirona, nos arredores de Estremoz, permitiu obter a estatura média para cerca de meia centena de indivíduos adultos, do sexo masculino e do feminino, sendo, respectivamente, de 1,65 m e 1,53 m. Trabalho idêntico, seguindo a mesma metodologia, indicou 1,68 m e 1,57 m para os indivíduos adultos, do sexo masculino e feminino, inumados nas necrópoles, de igual período, de Alcoitão e Abuxarda, no concelho de Cascais (Cunha, 1958-59, p. 42). As estaturas observadas são, em média, algo inferiores às da população portuguesa actual.

As características cranianas dos esqueletos da Silveirona são muito semelhantes às dos portugueses actuais, embora se tenha reconhecido maior grau de dolicocefalia. Este aspecto e as estaturas, assim como os paralelos com os resultados obtidos para necrópoles escavadas em Espanha, permitiu concluir, a A. Xavier da Cunha (1958-59, p. 42, 47), na sequência das observações já antes efectuadas por J. de Barros e Cunha (1940, p. 692), ter existido, para o período em questão, continuidade racial, embora sob influência nórdica ou centro-europeia, tratando-se, pois, de populações não estritamente visigóticas mas, sobretudo, “visigotizadas”.

O estudo antropológico do material da necrópole de Segóbriga indicou, igualmente, preponderância do tipo mediterrâneo grácil (Almagro, 1975, p. 132).

É bem possível que fosse também semelhante àquele o perfil antropológico em que se enquadraria a comunidade que inumou os seus mortos na necrópole do Poço dos Mouros, embora

uma sepultura medisse 1,80 m de comprimento e duas outras fossem ainda maiores, o que parece indicar estaturas algo superiores.

Restos osteológicos provenientes das sepulturas 1 e 2 (inumação 1) da necrópole algarvia evidenciaram a presença de *cribra orbitalis*, enquanto o dente da sepultura 7 mostrou hipoplasias lineares do esmalte, indicando ambas ocorrências de carências alimentares, sobretudo em ferro, e deficientes condições higiénicas. O mesmo indivíduo da sepultura 2, do sexo masculino, sofria de osteofitose, do grau 1-2 (índice de Stewart) em vértebra dorsal, e um fémur conservado indicou platimeria (83.3), compatível com osteoartrite ou osteoperiostose.

As patologias degenerativas articulares são sempre mais frequentes na coluna vertebral e nas populações actuais a partir dos 30-31 anos de idade.

Não se identificaram sinais de patologias infecciosas.

14. Presença visigótica no Barlavento algarvio

São muito escassas as informações publicadas sobre a presença visigótica no Algarve e, nomeadamente, na sua metade ocidental. Este aspecto deve reflectir, por um lado, a ausência de programas de investigação específicos sobre tal temática e, por outro lado, o curto lapso de tempo que aquele povo terá permanecido no Extremo Sul de Portugal, ou seja, sensivelmente desde os finais do primeiro quartel do século VII (624) aos inícios do século VIII (713).

Fernando de Almeida inventariou os testemunhos visigóticos do Algarve, quase todos descontextualizados, integrando elementos arquitectónicos e artefactos encontrados avulso ou em sepulturas há muito desaparecidas.

Os elementos arquitectónicos estudados por aquele arqueólogo são apenas dois: um capitel da zona de Silves, que se guardava na colecção Sebastião Ramalho Ortigão, em Alcantarilha (Almeida, 1962, p. 205, fig. 134, est. XV), a que se haveria de somar o capitel da ermida da Nossa Senhora da Rocha (Porches), no concelho de Lagoa (Almeida, 1966-67, p. 233, 234; Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 94-96).

Em Silves identificámos capitel e fragmento de ábaco, ambos de mármore cinzento, oriundos possivelmente de templo existente na zona da igreja da Misericórdia-Sé, tal como nível contendo cerâmicas e outros materiais arqueológicos dos séculos VI-VII, encontrando-se actualmente expostos no Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade (Gomes e Gomes, 2000).

Entre o acervo reunido pelo P.^o Semedo Azevedo, no primitivo Museu Arqueológico de Albufeira, existia parte de capitel, de mármore, procedente das explorações a que aquele pároco procedeu no sítio da Retorta, nos limites entre os concelhos de Albufeira e Loulé. Trata-se de raríssimo elemento arquitectónico, de estilo compósito, cujo cesto se encontra decorado com oito folhas de acanto que suportam friso de ovas, desenvolvendo-se sobre estas cordão de contas e novo friso com quatro grandes volutas aos cantos. As volutas não assentam directamente sobre as folhas dos ângulos mas por intermédio de elementos em forma de asa e, portanto, desligados do cesto.

Encontrámos paralelo para aquela peça excepcional em capitel da cripta da igreja de São Paulo da Abadia de Jouane (Seine-et-Marne), considerada como um dos expoentes da arte merovíngia, tendo sido fundada em 630 e a cripta edificada em 665. No exemplar francês o cesto é decorado por caneluras e coroados por friso de ovas que repousa sobre cordão de contas, ali se observando as volutas com o mesmo elemento em asa (Février, 1991, p. 226).

De Torre de Apra, no concelho de Loulé, provêm restos de dois capitéis tardo-romanos e fragmento de mesa de altar visigótica, que conserva o Museu Municipal de Arqueologia de Loulé,

assim como diverso espólio, exumado por Estácio da Veiga, em sepulturas do período referido (Martins, 1988, p. 128, 131).

A importante necrópole visigótica localizada no sítio da Retorta, que anteriormente referimos, ofereceu, ao longo dos tempos, materiais vários, tendo sido investigada pelo P.^e Semedo Azevedo e os resultados de tal intervenção publicados, a partir de manuscrito deixado inédito, por Isilda P. Martins (1988, p. 149-154).

A primeira notícia que conhecemos sobre aquele arqueossítio deve-se a O. da Veiga Ferreira e a L. de Albuquerque e Castro (1948) que escreveram, apenas, sobre informações transmitidas pelo proprietário dos terrenos, no sítio do Vale de Carro. Ali tinham sido encontradas abundantes sepulturas, onde surgiram três “*braceletes*” e uma “*agulha*” de bronze. Também na mesma zona foram exumados artefactos líticos lascados ou polidos, de episódios culturais bastante anteriores (Paleolítico e Neolítico), facto que conduziu os dois arqueólogos a classificarem os objectos metálicos e as sepulturas como da Idade do Bronze.

As sepulturas da Retorta eram constituídas por câmara formada por lajes de pedra calcária e cobertas por um ou mais elementos daquele tipo, orientadas oeste-este ou sudoeste-nordeste, conforme acontece no cemitério do Poço dos Mouros.

Na mesma necrópole foram ainda recolhidos recipientes de cerâmica e dentes fossilizados de tubarão (*Charcadoron megalodon* e de *Lamnidae*), um dos quais foi então observado (Ferreira e Castro, 1948, p. 8).

Os denominados braceletes do Vale de Carro, um deles com as extremidades reviradas, são certamente brincos semelhantes aos exumados em necrópoles da zona de Cuenca, alguns com contas de pasta vítrea e datados no século VII (López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 59, 83, 101, 102), ou ao procedente da necrópole da Abuxarda (Oliveira, 1888-1892, p. 89, est. III; Paço, 1958-59, p. 34).

Fernando de Almeida (1962, p. 244, figs. 360, 361, est. LXVI) deu a conhecer importante placa de fecho de cinturão da Retorta, com fivela fixa e decorada por punção (comp. 0,097m) que, recolhida por Estácio da Veiga, integra hoje as colecções do Museu Nacional de Arqueologia (n.º 16844). A sua tipologia permite datação segura em meados do século VII.

As investigações do P.^e Semedo Azevedo incidiram sobre dezassete sepulturas, quinze das quais orientadas poente-nascente, uma norte-sul e uma outra sudoeste-nordeste.

Dali provêm quatro moedas romanas, correspondendo uma delas a um *solidus* cunhado no tempo do imperador Honório, mas cujo paradeiro actual se desconhece (Martins, 1988, p. 147).

Não têm sido frequentes os achados de numária visigótica no Algarve. Todavia, o grande coleccionador Júdice dos Santos reuniu, nos finais do século XIX, quarenta e quatro moedas daquele período, nove das quais, segundo J. R. Marinho (2000, p. 58), incluídas na síntese de Heiss (1872).

Outras sepulturas, pertencentes ao período que temos vindo a tratar, foram por nós identificadas nos arredores de São Bartolomeu de Messines, infelizmente saqueadas ou oferecendo material muito escasso. Em uma das sepulturas do sítio da Bica Alta encontrou-se passador litúrgico de bronze (*colum vinarium*), que servia para purificar o vinho da missa, no momento em que o sacerdote o deitava no cálice.

Em Bensafirim, exploraram A. dos Santos Rocha e José Formosinho, sepulturas a que podemos conferir cronologia idêntica. O primeiro arqueólogo mencionado ali recuperou fragmento de placa de fecho de cinturão, com decoração zoomórfica (Almeida, 1962, p. 245, 366, LXVIII).

Importante necrópole, que investigámos parcialmente, no lugar do Padrão (Raposeira, Vila do Bispo), evidenciou sepulturas, algumas cobertas por pequenos *tumuli*, constituindo aspecto

pouco comum à arquitectura funerária visigótica. Entre os espólios exumados contam-se brincos e contas de pasta vítrea, algumas galonadas, igualmente conhecidas sob a denominação de “*lotus melon beads*”, podendo ser datadas, devido aos contextos que integravam, em meados do século VI (Ardanaz Arranz, 2000, p. 167). Ofereceu contas semelhantes a necrópole da Abuxarda (Cascais) (Oliveira, 1888-1892, p. 89, est. III).

Também o Museu Municipal de Aljezur guarda dois *oenochorae* de cerâmica, da necrópole do Barranco da Alcária, ali obtidos, em 1904, por José Leite de Vasconcellos. Um dos vasos, de cerâmica comum grosseira, mostra corpo subsférico, bordo trilobado e uma asa larga, enquanto o outro, de menores dimensões, sem bordo e parte do colo, apresenta o corpo preenchido por caneluras horizontais e ambas superfícies cobertas por engobe de cor bege clara. Provém do concelho de Aljezur sertã litúrgica de bronze, semelhante a duas da necrópole da Terrugem (Elvas) e à das Caldas de Monchique (Viana, 1958-59).

Pode ter existido outra necrópole visigótica nos arredores de Alcantarilha (Silves), de que se conhece garrafa, com uma asa, da colecção Sebastião Ramalho Ortigão e que Fernando de Almeida (1962, p. 233, LIV, p. 309) deu a conhecer.

No sítio da Alcária, próximo das Caldas de Monchique, foi escavada necrópole visigótica que ofereceu, entre outro material, a sertã de bronze antes referida (Viana, Formosinho e Ferreira, 1949; Almeida, 1962, p. 236, LVIII, p. 327).

15. Cronologia e integração cultural

Os Visigodos constituíram povo, de origem germânica, que, deslocando-se para Ocidente, fundaram, em 418, o denominado Reino de Toulouse, na Aquitânia. Com Teodorico II entraram, em 455, na *Hispania*. Mérida terá sido ocupada um ano depois, Santarém em 460 e Lisboa em 469. Em 507 a sua presença alarga-se, tendo depois submetido os Suevos (585), que dominaram o Noroeste Peninsular durante cento e setenta anos, para, em seguida, expulsarem os Bizantinos, que haviam ocupado o Sul e o Sudeste da Península Ibérica em 551.

Os Bizantinos tiveram o seu último reduto no Algarve, mais precisamente em *Ossonoba*, de onde saíram apenas em 624, no reinado de Suintila, pelo que administraram a região durante cerca de setenta anos. O Algarve pertencia então à diocese de *Ossonoba*, sufragânea de Mérida (Lopes, 1958-59, p. 134; Almeida, 1962, p. 25-38; Moreno, 1987, p. 334).

A unificação política visigótica trouxe, também, a generalização religiosa, sob o Cristianismo, após a conversão de Recaredo em 587 e “oficializada” dois anos depois no III Concílio de Toledo, mas ainda o esmorecer do tráfico com o Mediterrâneo e os contactos culturais daí decorrentes. A partir de 567 Toledo foi a capital do reino visigodo.

No ritual detectado e no espólio exumado, na necrópole do Poço dos Mouros, ecoam alguns contributos do velho fundo cultural romano, mas são as prestações continentais que preponderam, nomeadamente nas raras cerâmicas ali exumadas.

As necrópoles rupestres, afastadas dos templos, devem ter proliferado a partir de 561, ano em que o cânone XVIII do I Concílio de Braga interdita os enterramentos no interior das basílicas. Outra legislação conciliar haveria de incrementar o afastamento das necrópoles dos centros urbanos (Puertas, 1975, p. 90).

As dimensões da necrópole do Poço dos Mouros, como dos *habitats* que lhe ficam próximos, permite questionar a existência de grande exploração agrária, um *fundus*, onde aquela população se integrasse.

Tais aspectos, assim como a relativa escassez e pobreza dos espólios exumados, onde não se identificou qualquer objecto metálico, embora seja genérico o empobrecimento verificado nos mobiliários funerários dos finais do século VI e da centúria seguinte, conduzem-nos, também, a atribuir a população responsável pelos testemunhos que temos vindo a estudar, a pequena exploração de carácter agro-pastoril, ou seja, um *vicus*. Ali habitariam, na segunda metade do século VII, cerca de três dezenas de pessoas, afinal três ou quatro famílias alargadas.

As patologias encontradas, nomeadamente a *cribra orbitalis*, indicam deficiências alimentares, ou seja dieta pobre em elementos minerais e vitamínicos, dando lugar a anemias ferro-privas, a que se somava, claramente, alta mortalidade infantil e juvenil, conforme documentam as pequenas dimensões de significativo número das sepulturas.

Sabe-se que a Península Ibérica foi assolada, durante os séculos VI e VII, por quase constantes epidemias, problema que pode, na zona do Poço dos Mouros, ter sido acentuado devido à existência, nas proximidades, das insalubres lagoas e lameiros, associados à característica amenidade climática do Algarve.

Pouco podemos inferir sobre o estatuto social dos indivíduos inumados na necrópole agora dada a conhecer. O espólio recolhido não pode, por falta de registo arqueológico, ser conferido com absoluta certeza a qualquer das sepulturas e aos restos humanos que continham. Todavia, o P.^o Semedo Azevedo considerou a sepultura maior uma espécie de ossário (sep. 2), por certo por ali se terem efectuado diversos enterramentos, como era aliás habitual, conservando-se os ossos dos sucessivos ocupantes do monumento amontoados aos pés da câmara sepulcral ou em outro local do seu interior. No entanto, aquele sacerdote não refere a existência das vasilhas, pelo que estas poderão ter pertencido à sepultura de menores dimensões, que conserva o “Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira” (sep. 1). Nesta reconheceram-se restos osteológicos compatíveis com indivíduo com mais de dezoito anos, talvez do sexo masculino, que, porventura, foram acompanhados pela garrafa com duas asas e pelo copo.

É possível que a sepultura 2 contivesse, além dos restos osteológicos de três indivíduos, dois pertencentes a adultos jovens, um do sexo masculino e o outro feminino, assim como a jovem com menos de catorze anos, o restante espólio que guardava o antigo Museu de Albufeira, já que a maioria das outras sepulturas parece ter sido escavada por Maria Elisa Gomes e se desconhece o paradeiro do pouco espólio por ela nelas exumado.

Importa registar o facto de na necrópole de Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares), as sepulturas de mulheres terem entregue maior número de espólio que as dos homens (Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1989, p. 171), não se devendo, contudo, generalizar tal testemunho.

Embora na sepultura 24 de Gerena (Sevilha) a garrafa com duas asas acompanhasse placa de fecho de cinturão, certamente pertencente a indivíduo do sexo masculino, não existem outros indícios que nos façam pensar ser aquela forma de cerâmica exclusiva dos enterramentos masculinos, pelo que o exemplar do Poço dos Mouros poderá, de facto, ter pertencido à sepultura 1 onde se associava, com o copo, a inumação de criança ou aos ossos de adulto jovem.

Não se reconheceu, na necrópole do Poço dos Mouros, clara separação entre as sepulturas correspondentes a indivíduos de pouca idade e as dos adultos, ou seja a nuclearização que se encontra em outros cemitérios e que deve relacionar-se com os respectivos estatutos sociais. Por exemplo, na necrópole paleocristã de Vega del Mar (Marbella) identificaram-se claros núcleos de sepulturas infantis (Posac e Puertas, 1989, mapa 2).

A necrópole agora estudada e testemunhos de outras no Barlavento algarvio, indica que esta região detinha, durante os séculos VI e VII, importante rede de assentamentos humanos,

dedicados sobretudo às actividades agro-pastoris, para além dos grandes núcleos urbanos conhecidos, como Silves, evidenciando alta densidade populacional (Fig. 24).

Futuros trabalhos de prospecção, acompanhados pela investigação sistemática e estudo dos testemunhos da presença visigótica no Algarve, oferecerão panorâmica bem diferente das laboriosas comunidades que ali viveram durante os séculos VI e VII, como do seu contributo ideológico, aspectos que têm sido ofuscados tanto pelo fortíssimo surto civilizacional que as precedeu como pelo notável florescimento económico e cultural que lhes sucedeu.



Fig. 24 Principais necrópoles visigóticas identificadas na Península Ibérica (a localização é aproximada). 1- Poço dos Mouros (Silves); 2- Retorta (Loulé); 3- Torre de Apra (Loulé); 4- Bensafrim (Lagos); 5- Alcaria (Monchique); 6- Padrão (Vila do Bispo); 7- Barranco da Alcaria (Aljezur); 8- Tavira (Tavira); 9- Mértola (Mértola); 10- Beja (Beja); 11- Terrugem (Elvas); 12- Chaminé (Elvas); 13- Padrãozinho (Vila Viçosa); 14- Vaiamonte (Monforte); 15- Silveirona (Estremoz); 16- Santa Marinha (Castelo de Vide); 17- Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide); 18- Alto da Peça (Cascais); 19- Abuxarda (Cascais); 20- Murches (Cascais); 21- Talaíde (Cascais); 22- Casais Velhos (Cascais); 23- Pedreira (Abrantes); 24- Albuquerque (Badajoz); 25- Tierra de Barros (Badajoz); 26- Cerro Muriano (Córdoba); 27- La Guardia (Jaén); 28- Brácana (Granada); 29- Marugán (Granada); 30- Jávea (Alicante); 31- Vega del Mar (Marbella); 32- Gerena (Sevilha); 33- Zarza de Granadilha (Cáceres); 34- Diego Álvaro (Ávila); 35- Santa Maria de la Cabeza (Ávila); 36- Azután (Cáceres); 37- El Carpio del Tajo (Toledo); 38- Madrona (Madrid); 39- Madrid (Madrid); 40- Cerro de las Losas (Madrid); 41- Colonia de Vallellano (Madrid); 42- Los Afligidos (Madrid); 43- El Jardinillo (Madrid); 44- Cacara de las Ranas (Madrid); 45- Alcalá de Henares (Madrid); 46- Torrelaguna (Madrid); 47- Daganzo de Arriba (Madrid); 48- Espirido (Segóvia); 49- Ventosilla e Tejadilla (Segóvia); 50- Sebúlcór (Segóvia); 51- San Miguel de Noguera (Segóvia); 52- Alarilla (Guadalajara); 53- Palazuelos (Guadalajara); 54- Ville de Mesa (Guadalajara); 55- Deza (Sória); 56- Suellacabras (Sória); 57- Taíne (Sória); 58- Pamplona (Pamplona); 59- Herrera de Pisuerga (Palência); 60- Avellanos del Campo (Burgos); 61- Albelda de Iregua (Logroño); 62- Ortigosa de Cameros (Logroño); 63- Hinojar del Rey (Burgos); 64- Osuna (Sória); 65- Estebanvela (Segóvia); 66- Castiltierra (Segóvia); 67- Padilla de Arriba (Burgos); 68- Villajimena (Palência); 69- Amusquilla de Esgueva (Valladolid); 70- Piña de Esgueva (Valladolid); 71- Castillo Tejeriego (Valladolid); 72- Sacramenia (Segóvia); 73- Duratón (Segóvia); 74- Sigüero (Segóvia); 75- Coscojuela de Fontona (Huesca); 76- Ampurias (Gerona); 77- Las Goges (Gerona); 78- Estagel (Rossilhão).

NOTAS

- * Academia Portuguesa da História e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. Av. de Berna, n.º 26 C 1069-061 Lisboa
- ¹ Cumpre publicamente registarmos o empenho e a excelente qualidade do trabalho efectuado pelas técnicas de restauro Maria João Catarino e Maria Antonieta Carteiro, da Oficina de Restauro do Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, assim como o apoio facultado a tais trabalhos pelo Dr. Manuel Pedro Serra, Chefe da Divisão de Cultura e Património Histórico, da Câmara Municipal de Loulé.
- ² Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, portanto, devem entender-se como aproximados.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. (1975) - *La necrópolis hispano-visigoda de Segobriga. Saelices (Cuenca)*, Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia (Excavaciones Arqueológicas en España; 84).
- ALMAGRO GORBEA, M. (1970) - Hallazgos de época visigoda en Almodóvar del Pinar (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 27, p. 311-326.
- ALMEIDA, F. de (1962) - Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série. 4, p. 7-256.
- ALMEIDA, F. de (1966-1967) - Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitano. *Arquivo de Beja*. Beja. 23-24, p. 224-240.
- ALONSO SÁNCHEZ, M. A. (1976) - Necrópolis de "El Cerro de las Losas" en El Espartal (Madrid). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 4, p. 287-321.
- ANTUNES, M. T.; JONET, S.; NASCIMENTO, A. (1981) - Vertébrés (crocodilens, poissons) du Miocène marin de l'Algarve Occidentale. *Ciências da Terra*. Lisboa. 6, p. 9-38.
- ARDANAZ ARRANZ, F. (2000) - *La necrópolis visigoda de Cacara de las Ranas (Aranjuez, Madrid)*. Madrid: Comunidad de Madrid (Arqueología, Paleontología y Etnografía; 7).
- AZEVEDO, J. M. S. (1964) - *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira. História dos seus primeiros anos*. Albufeira: Edição do Autor.
- BALMASEDA MUNCHARAZ, L. J.; PAPÍ RODES, C. (1997) - Jarritos y patenas de época visigoda en los fondos del Museo Arqueológico Nacional. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 15, p. 153-174.
- BELTRÁN, M. (1979) - Memoria de las excavaciones arqueológicas en la necrópolis hispano-visigoda del Alto de la Barrilla (Cuarte-Zaragoza), 1975. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 6, p. 543-580.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1971) - Cerámica *sigillata* clara decorada de los tipos A, A/C y C. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 28, p. 227-262.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1989) - Cerámicas de "época visigoda y postvisigoda" de las Provincias de Cáceres, Madrid y Segovia. *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 3, p. 75-107.
- CABALLERO ZOREDA, L.; ULBERT, Th. (1975) - *La basilica paleocristiana de Casa Herrera en las cercanías de Mérida (Badajoz)*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia (Excavaciones Arqueológicas en España; 89).
- C.E.V.P.P. (1991) - Cerámicas de época visigoda en la Península Ibérica. Precedentes y perduraciones. In *A Cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 49-67.
- CARDOSO, J. L.; ANTUNES, M. T. (1995) - Dentes de tubarões miocénicos em contextos pré-históricos portugueses. Estudo comparado dos materiais de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 199-211.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. (1997) - *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CUNHA, A. X. da (1958-59) - Algumas populações da época suévico-bizantina do Sul de Portugal e da Espanha. *Bracara Augusta*. Braga. 9-10, p. 41-49.
- CUNHA, J. G. de B. e (1940) - A população visigótica em Portugal. Observações sobre alguns crânios masculinos provenientes do cemitério da Silveirona. In *Congresso do Mundo Português*. vol. I. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 685-702.
- DEMNARD, F.; NÉRAUDEAU, D. (2001) - L'utilisation des oursins fossiles de la Préhistoire à l'époque gallo-romaine. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 98, p. 693-715.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., OLIVA ALONSO, D.; GARCÍA DE LEÁNIZ, M. P. (1984) - La necrópolis tardorromana-visigoda de "Las Huertas", en Pedrera (Sevilla). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 19, p. 271-387.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., SIERRA FERNÁNDEZ, J. A. de la; LASSO DE LA VEGA, M. G. (1987) - La basilica y necrópolis paleocristianas de Gerena (Sevilla). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 29, p. 103-199.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, D. (1976) - Excavaciones en la necrópolis hispano-visigoda del Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 4, p. 5-90.

- FERREIRA, C. J. A. (1987) - A necrópole visigótica da Pedreira-Rio de Moinhos. In *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 66-68.
- FERREIRA, O. da V.; CASTRO, L. de A. e (1948) - A estação pré-histórica de Vale de Carro (Albufeira). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. 4:1, p. 5-12.
- FÉVRIER, P.-A. (1991) - Le décor de l'architecture. Le décor sculpté. In *Naissance des arts chrétiens*. Paris: Imprimerie Nationale, p. 220-232.
- GARCÍA MORENO, L. A. (1987) - La arqueología y la historia militar visigoda en la Península Ibérica. In *Actas del II Congreso de Arqueología Medieval Española*. II, Madrid: Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 331-336.
- GOMES, M. E. H. H. (1970) - Monumentos arqueológicos inéditos do concelho de Silves. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Vol. II. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 75-94.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L.; ALVES, F. J. S. (1995) - *Levantamento Arqueológico do Algarve- Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2000) - Cerâmicas alto-medievais de Silves. In *Actas do Congresso de Cerâmicas Medievais e Pós-Medievais*. Tondela: Câmara Municipal, p. 23-41.
- GOMES, R. V. (2002) - *Xelb uma cidade do Garb al-Andalus: arqueologia e história*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GSCHWEND, A. J. (1996) - As maravilhas do Oriente: Coleções de curiosidades renascentistas em Portugal. In *A Herança de Rauluchantín*. Lisboa: Museu de São Roque, p. 82-127.
- GUERREIRO, M. V.; MAGALHÃES, J. A. R. (1983) - *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*. Lisboa: Sá da Costa Editores (Cadernos da Revista de História Económica e Social; 3).
- HEISS, A. (1872) - *Description générale des monnaies des rois visigoths d'Espagne*. Paris: Imprimerie Nationale.
- IZQUIERDO-BENITO, R. (1977) - Ensayo de una sistematización tipológica de la cerámica de necrópolis de época visigoda. *Revista de Archivos Bibliotecas y Museos*. Madrid. 80, p. 837-865.
- JOLEAUD, L. (1933) - Le rôle des coquillages marins fossiles et actuels dans la magie berbère. In *Homenagem a Martins Sarmiento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, p. 150-174.
- LOPES, F. F. (1958-59) - Do Algarve bizantino. *Bracara Augusta*. Braga. 9-10, p. 126-136.
- LÓPEZ REQUENA, M.; BARROSO CABRERA, R. (1994) - *La necrópolis de la Dehesa de la Casa. Una aproximación al estudio de la época visigoda en la Provincia de Cuenca*. Cuenca: Diputación Provincial (Arqueología Conquense; 12).
- MAGALHÃES, J. A. R. (1970) - *Para o estudo do Algarve económico durante o século XVI*. Lisboa: Edições Cosmos.
- MARINHO, J. R. (2000) - Uma nova moeda na numária do rei D. Fernando I. In *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Numismática – V Congresso Nacional*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal, p. 55-59.
- MARTINS, I. M. P. (1988) - *Arqueologia do Concelho de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal.
- MAYOR, A. (2000) - *The First Fossil Hunters. Paleontology in Greek and Roman Times*. Princeton: Princeton University Press.
- MÉNDEZ MADARIAGA, A.; RASCÓN MARQUES, S. (1989) - *Los Visigodos en Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares: Taller Escuela de Arqueología y Rehabilitación (Cuadernos del Juncal; 1).
- MESQUÍRIZ, M.ª Á. (1965) - Necrópolis visigoda de Pamplona. *Príncipe de Viana*. Pamplona. 98-99, p. 107-131.
- MOLINERO, A. (1948) - *La necrópolis visigoda de Duratón (Segovia)*. Madrid: Ministerio de Educación Nacional (Acta Arqueologica Hispanica; 4).
- NEVES, J. A. P. de A. (1930) - *Guia de autopsias*. vol. I, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional.
- NIETO, G. (1943) - Los fondos visigodos del Museo Arqueológico de Valladolid. *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales, 1942*. Madrid. p. 214-223.
- NOBRE, I. N. (1995) - *Albufeira. Percurso de uma história secular*. Albufeira: Junta de Freguesia de Albufeira.
- OAKLEY, K. P. (1975) - *Decorative and Symbolic Uses of Vertebrate Fossils*. Oxford: Pitt Rivers Museum (Occasional Papers on Technology; 12).
- OLIVEIRA, F. de P. e (1888-1892) - Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. Vol. II, p. 82-108.
- PAÇO, A. do (1958-59) - Vestígios de influência germânica no concelho de Cascais, *Bracara Augusta*. Braga. 9-10, p. 30-40.
- PÉREZ VILLANUEVA, J.; TOVAR, A.; SUPIOT, J. (1933) - Avance de estudio sobre la necrópolis visigoda de Piña de Esgueva. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. I, p. 253-269.
- POSAC, C.; PUERTAS, R. (1989) - *La basílica paleocristiana de Vega del Mar (San Pedro de Alcántara, Marbella)*. Málaga: Diputación Provincial.
- PUERTAS, R. (1975) - *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII): testimonios literarios*. Madrid: Patronato Nacional de Museos.
- RIPOLL, G. (1985) - *La necrópolis visigoda de El Carpio del Tajo (Toledo)*. Madrid. Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 142).
- RODRIGUES, M. da C. M. (1978) - *Sepulturas medievais no Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

- SANTOS, M. L. E. da V. A. dos (1972) - *Arqueologia romana do Algarve*. Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SERRÃO, E. da C.; VICENTE, E. P. (1980) - A sepultura do Rei Mouro (uma estação da Idade do Ferro)- Negrais (Sintra). *Arqueologia*. Porto. 1, p. 28-35.
- SIRET, L. (1922) - Le rôle des fossiles en Mythologie. *L'Antropologie*. Paris. 32, p. 203-213.
- TESTUT, L.; LATARJET, A. (1951) - *Traité d'anatomie humaine*. Paris: Gaston Doin & Cie.
- UBELAKER, D. (1996) - *Human Skeletal Remains. Excavation, Analysis, Interpretation*. 2nd ed. Washington: Smithsonian Institution.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) - *Religiões da Lusitania, vol. I*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1906) - Bibliographia. *O Archeologo Português*. Lisboa. 11, p. 321-379.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve, vol. I*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIANA, A. (1950) - Contribuição para a Arqueologia dos arredores de Elvas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12, p. 289-322.
- VIANA, A. (1958-1959) - Suevos e Visigodos no Baixo Alentejo. *Bracara Augusta*. Braga. 9-10, p. 7-17.
- VIANA, A., FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1949) - O conjunto visigótico de Alcaria (Caldas de Monchique). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 3:33-34, p. 227-233.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. de (1955) - Nuevas necrópolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 28, p. 33-68.

